



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CAMILA CAVALCANTI DE SANTANA

**BRAZIL:** A política externa ambiental do governo Bolsonaro (2019-2022) no *The New York Times*.

JOÃO PESSOA

2024

**CAMILA CAVALCANTI DE SANTANA**

**BRAZIL:** A política externa ambiental do governo Bolsonaro (2019-2022) no *The New York Times*.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção de grau em Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira

JOÃO PESSOA

2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S232b Santana, Camila Cavalcanti de.

Brazil : a política externa ambiental do governo Bolsonaro (2019-2022) no The New York Times / Camila Cavalcanti de Santana. - João Pessoa, 2024.

64 f. : il.

Orientação: Túlio Sérgio Henriques Ferreira.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Política Externa Ambiental. 2. Governo Bolsonaro.  
3. The New York Times. I. Ferreira, Túlio Sérgio  
Henriques. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

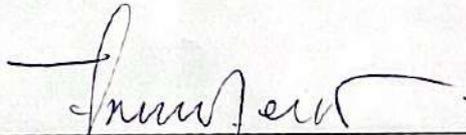
CAMILA CAVALCANTI DE SANTANA

**BRAZIL: A POLÍTICA EXTERNA AMBIENTAL DO  
GOVERNO BOLSONARO (2019-2022) NO THE NEW YORK TIMES**

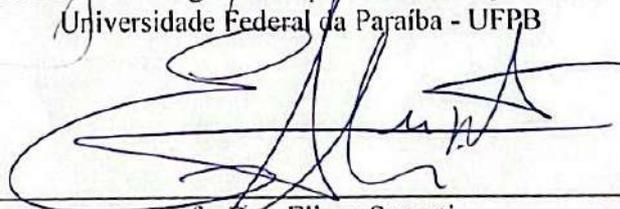
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Relações Internacionais do Centro  
de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 10 de Outubro de 2024

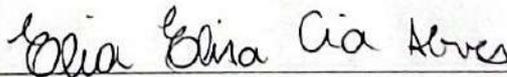
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira – (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profa. Dra. Eliane Superti  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profa. Dra. Elia Elisa Cia Alves  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

*Ao passado, presente e futuro.*

## AGRADECIMENTOS

A autoria deste trabalho pode constar apenas um nome nos repositórios monográficos e bibliotecas virtuais, mas para a construção dele, foi necessário uma enorme rede de pessoas que me apoiaram e inspiraram, e à elas eu agradeço.

Primeiramente, agradeço ao pilar central necessário para estar aqui: o ensino superior público e gratuito brasileiro. Suposições são inviáveis para as variáveis que meu futuro tomaria caso não o existisse, mas a sua existência me possibilitou experiências inimagináveis. Agradeço à Universidade Federal da Paraíba, à Coordenação de Relações Internacionais e a todos os seus docentes, e à cidade de João Pessoa.

Às minhas amigas. Àquelas que tive o privilégio de compartilhar essa fase da minha vida, pois mudar-se para uma cidade totalmente desconhecida nos anos iniciais da vida adulta pode ser bastante desafiador, mas vocês tornaram o caminho leve e prazeroso. Obrigada por ser voz e também ouvir, Mavi. E também àquelas que já estão comigo por longos anos, vocês também são parte da minha história, viram diversas versões diferentes de mim e nosso laço ainda persiste, De volta ao passado e Alama. Todas vocês me inspiram.

Agradeço ao grande amor da minha vida, Matt Shevloff, meu noivo e silly goose. Por me inspirar diariamente, me acolher quando preciso e me motivar a sempre dar o meu máximo em busca da minha melhor versão. Você se fez essencial em cada parte dessa minha caminhada, seu amor e sua integridade são minha fonte de força e inspiração. Sempre e para sempre.

Agradeço também à minha família Cavalcanti, pelo amor incondicional, apoio, e compreensão que ajudaram a tornar esse sonho minha realidade. Cada um de vocês tem um lugar especial no meu coração. Em especial, agradeço à minha mãe, Marivalda, pois sem o seu suporte e apoio eu não estaria aqui e por isso serei eternamente grata.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à Tulio Ferreira, meu orientador, por me dar o privilégio de sua orientação e ter me guiado nesses passos finais da minha graduação. Sua sabedoria e dedicação foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

Durante a Guerra Fria o mundo político se via constrangido por questões de dilema de segurança e a mídia de propaganda política e de guerra. Com o seu fim, foi visto a expansão de temáticas políticas como a questão do *homem* com o meio ambiente, os impactos ambientais do desenvolvimento econômico e, posteriormente, a questão da crise climática. Na arena da mídia de massas, se viu a ampliação de atores e a fragmentação de discursos. Nesse cenário, impulsionado pela sua vasta biodiversidade, o Brasil se coloca como um dos atores de importância na agenda ambiental global. Durante o governo Jair Bolsonaro (2019-2022), no entanto, o país foi fortemente criticado pela sua política ambiental. Esse trabalho analisa a cobertura noticiosa da política ambiental do governo Bolsonaro pelo jornal The New York Times durante o período integral do governo (2019-2022), observando as narrativas, enquadramentos e sentimentos expressos. A pesquisa busca preencher a lacuna teórica na relação entre mídia e política nas Relações Internacionais, focando na representatividade midiática e sua influência na formulação de políticas. Para a análise de dados se utilizou a Análise de Conteúdo Categorial baseada em Sampaio e Lycarião (2021). Ainda, foi acrescentado a utilização da linguagem de programação Python a partir das bibliotecas VADER, para análise de sentimento do *corpus*, e WordCloud, para observar as palavras mais frequentes. Dentro do recorte da pesquisa foram encontradas 55 notícias que abordam as seguintes temáticas: política, queimadas, desmatamento, tragédias ambientais e questão indígena. Os resultados encontrados apontam a predominância da Amazônia em todas as categorias previamente citadas, um enquadramento que coloca o então presidente da república como forte influência para o aumento de desmatamento e queimadas no Brasil e revelam um sentimento predominantemente negativo quanto às mensagens reportadas.

**Palavras-chave:** Política Externa Ambiental, Governo Bolsonaro, *The New York Times*.

## ABSTRACT

During the Cold War, the political world was constrained by security dilemmas and the media focused on political and war propaganda. With its end, there was an expansion of political themes such as environmental issues, the environmental impacts of economic development, and later, the climate crisis. In the mass media arena, there was an increase in actors and a fragmentation of discourses. In this scenario, driven by its vast biodiversity, Brazil positions itself as an important actor on the global environmental agenda. However, during Jair Bolsonaro's government (2019-2022), the country was heavily criticized for its environmental policies. This work analyzes the news coverage of Bolsonaro's environmental policy by The New York Times during his entire term (2019-2022), observing the narratives, framings, and sentiments expressed. The research aims to fill the theoretical gap in the relationship between media and politics in International Relations, focusing on media representation and its influence on policy formulation. For data analysis, Categorical Content Analysis based on Sampaio and Lycarião (2021) was used. Additionally, the Python programming language was employed using the VADER library for sentiment analysis and WordCloud to observe the most frequent words. Within the research scope, 55 news articles were found covering the following themes: politics, wildfires, deforestation, environmental disasters, and indigenous issues. The results indicate the predominance of the Amazon in all previously mentioned categories, a framing that places the then-president as a strong influence on the increase in deforestation and wildfires in Brazil, and reveal a predominantly negative sentiment in the reported messages

**Keywords:** Environmental Foreign Policy, Bolsonaro Government, The New York Times

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Nuvem de palavras sobre a temática política.....	34
FIGURA 2 - Nuvem de palavras sobre a temática queimadas.....	39
FIGURA 3 - Nuvem de palavras sobre a temática desmatamento.....	43
FIGURA 4 - Nuvem de palavras sobre a temática desastres ambientais.....	47
FIGURA 5 - Nuvem de palavras sobre a temática indígena.....	51

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Metodologia e indicadores de codificação temática.....	23
TABELA 2 - Publicações totais no <i>New York Times</i> no ano de 2019.....	25
TABELA 3 - Publicações totais no <i>New York Times</i> no ano de 2020.....	27
TABELA 4 - Publicações totais no <i>New York Times</i> no ano de 2021.....	28
TABELA 5 - Publicações totais no <i>New York Times</i> no ano de 2022.....	29

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Notícias no <i>The New York Times</i> por área temática.....	30
GRÁFICO 2 - Número de notícias sobre política entre 2019-2022.....	31
GRÁFICO 3 - Análise de sentimento de publicações do tema política.....	35
GRÁFICO 4 - Número de notícias sobre queimadas entre 2019-2022.....	37
GRÁFICO 5 - Análise de sentimento de publicações do tema queimadas.....	40
GRÁFICO 6 - Número de notícias sobre desmatamento entre 2019-2022.....	41
GRÁFICO 7 - Análise de sentimento de publicações do tema desmatamento.....	44
GRÁFICO 8 - Número de notícias sobre desastres ambientais entre 2019-2022 .....	45
GRÁFICO 9 - Análise de sentimento de publicações do tema desastres ambientais .....	48
GRÁFICO 10 - Número de notícias sobre questões indígenas entre 2019-2022 .....	49
GRÁFICO 11 - Análise de sentimento de publicações do tema questões indígenas .....	52

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. A TEMÁTICA AMBIENTAL NO SISTEMA INTERNACIONAL</b>	<b>14</b>
2.1 A TEMÁTICA AMBIENTAL NO BRASIL	14
<b>3. O BRASIL DE BOLSONARO E O MEIO AMBIENTE</b>	<b>16</b>
<b>4. MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA</b>	<b>18</b>
4.1 O THE NEW YORK TIMES	20
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>22</b>
<b>6. O BRASIL NAS PÁGINAS DO THE NEW YORK TIMES</b>	<b>25</b>
6.1 POLÍTICA E MEIO AMBIENTE	31
6.2 A QUESTÃO DAS QUEIMADAS	36
6.3 O DESMATAMENTO	41
6.4 DESASTRES AMBIENTAIS	45
6.5. QUESTÕES INDÍGENAS	49
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE I</b>	<b>59</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Embora a questão ambiental seja uma temática constante na agenda internacional contemporânea, sua assiduidade nem sempre se deu com mesmo vigor, tanto pela falta de compreensão científica quanto aos impactos antropogênicos como também pela restrição do debate em períodos de centralidade da questão de segurança. Hodiernamente, no entanto, líderes mundiais e sociedade civil se encontram em diferentes e diversas conferências pelo mundo com o intuito de aprofundar debates e comprometimentos acerca a manutenção da biodiversidade e mitigação dos impactos humanos no meio ambiente. Esse empenho global revela, portanto, que há um consenso dentro do sistema internacional quanto ao entendimento de que embora o mundo político seja delimitado por fronteiras, o mundo biológico não entende as linhas imaginárias propostas pelo *homem*, fazendo com que a problemática ambiental seja uma problemática global.

Para além da inclusão de novos debates na arena política, o fim da Guerra Fria também proporcionou a mudança da atuação de outro grande ator no sistema internacional: a mídia de massas. Enquanto ferramenta durante a Guerra Fria, a mídia de massas possuía forte influência estatal, confinada, principalmente, no papel da propaganda política e de guerra. Portanto, a partir da década de 1990, com a conjuntura política diferente e com tecnologia da informação avançada, é visto não só o aumento do alcance midiático como também a fragmentação do discurso, dando espaço para diferentes ideias, debates e emergência de novos atores no cenário midiático e destacando ainda mais a influência e intersecção entre mídia e política.

Embora geograficamente o Brasil seja o quinto maior país do mundo, a rica diversidade biológica encontrada em seus cinco biomas faz com que o país ocupe a primeira posição na questão de biodiversidade (PNUMA, 2024). Levando em consideração essa posição, suas condicionantes naturais e geográficas revelam sua importância internacional enquanto ator de destaque na discussão ambiental, climática e na construção da agenda de governança ambiental. Entre os anos de 2019 e 2022 o Estado brasileiro passou pela administração de seu 38º presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, sendo este um dos governos mais controversos e criticados internacionalmente pela postura do governo federal em diversas áreas, incluindo a questão ambiental e de proteção aos povos indígenas (tema previsto na própria Constituição Federal de 1988 capítulo VIII).

Com isso, o presente trabalho é construído a partir da união das três dimensões previamente citadas: a questão ambiental vista a partir do governo Bolsonaro sob a lente da

mídia de massas, nesse caso, pelo jornal *The New York Times*. Portanto, enquanto objetivo geral, busca-se analisar a cobertura noticiosa da política externa ambiental do governo Bolsonaro, no período de 2019-2022, no *The New York Times*. Como forma de atingir esse objetivo de modo específico, será investigado a cobertura jornalística de notícias do *The New York Times*, associando a busca com os termos, “Brazil”, e “Environment” como códigos gerais da pesquisa, e fazendo-se o recorte temporal, e observando as narrativas e enquadramentos utilizados pelo jornal para retratar os assuntos publicados, observando padrões temporais e temáticos.

De acordo com Piers Robinson em *The role of media and public opinion*, (2016, p. 138), as Relações Internacionais prestam pouca atenção na mídia enquanto ator e sua influência na opinião pública e política. Isso é devido ao realismo intrínseco na construção da área de estudo, que iniciou focando sua atenção exclusivamente para a relação entre Estados e desconsiderando os fatores internos em suas análises. Com isso, existe um déficit de conhecimento sobre comunicação em muitos teóricos das Relações Internacionais, que por vezes não examinam detalhadamente a variável influente da relação entre mídia e opinião pública na formulação de política externa. Sendo assim, o presente trabalho se justifica na intenção de ser um passo modesto para o fechamento da lacuna teórica de comunicação nas Relações Internacionais e justifica o recorte temporal na intenção de compreender o passado recente do Brasil na questão da política ambiental.

Quanto às especificidades do tema trabalhado, a pergunta de pesquisa orientadora do trabalho é: Como a questão ambiental do governo Bolsonaro foi retratada nos noticiários do *The New York Times*?. A escolha da representação midiática estadunidense se dá mediante dois motivos principais: os Estados Unidos é um tradicional parceiro brasileiro, se localizando atualmente como o segundo maior parceiro comercial; e, é a grande potência do continente em que o Brasil se situa, as Américas. A escolha da mídia de massas como objeto de observação se dá a partir do entendimento em que a mesma possui sob opinião pública e formação de política, embora em debate acadêmico o seu grau de participação, ainda sim se trata de um grande ator político nacional e internacional. A escolha do veículo se deu mediante entendimento que o *The New York Times* é o veículo de comunicação mais acessado e lido dos EUA segundo o *Press Gazette*, buscando compreender a afirmação de Ferre (1980, p. 276) que publicações de veículos de elite, como o *The New York Times*, influenciam o pensamento de líderes em questões sobre política externa a partir das informações e opiniões expostas. Por fim, a limitação quanto apenas uma fonte de pesquisa se deu devido à curta

janela temporal para construção do trabalho por completo, minimizando possíveis leituras e análises supérfluas caso outras variáveis fossem adicionadas.

Este trabalho está dividido em três partes principais para além desta introdução. A primeira parte apresenta o marco teórico utilizado para contextualização das especificidades pesquisadas. O marco teórico se divide em três temáticas: a temática ambiental no sistema internacional e no Brasil; as especificidades do governo Bolsonaro para o meio ambiente; e, por fim, a relação e influência mútua entre mídia de massas e política externa.

A segunda parte do trabalho reporta a metodologia aplicada, onde a coleta de dados se deu a partir da ferramenta interna do jornal, [nytimes.com](https://www.nytimes.com), localizados pelas palavras-chave “Brazil” e “Environment”, adicionado ao recorte temporal de 1º de janeiro de 2019 até 31 de dezembro de 2022. Com os dados obtidos, a metodologia aplicada na seção seguinte foi baseada em Rafael Cardoso e Diógenes Lycarião com a Análise de Conteúdo Categorical (2021).

Por fim, a terceira parte do trabalho apresenta então os dados obtidos a partir da metodologia expressa. A partir de leitura manual superficial dos dados, foram obtidas cinco grandes áreas noticiadas no período exposto, sendo elas: política, queimadas, desmatamento, desastres ambientais e questões indígenas. Cada uma dessas áreas temáticas foi apresentada com análise de conteúdo regular vista na leitura manual, incluindo também nuvem de palavras e análise de sentimento da publicação, instrumentalizadas a partir da linguagem de programação Python.

## 2. A TEMÁTICA AMBIENTAL NO SISTEMA INTERNACIONAL

Durante o período da Guerra Fria a disputa ideológica entre as duas grandes potências, Estados Unidos da América e a União Soviética, fez com que as temáticas da considerada *baixa política* tivessem um papel secundário quando comparado aos temas da chamada *alta política*, significando principalmente o dilema de segurança (Nascimento, 2011). A partir então do fim da dicotomia ideológica e de segurança, o estrangulamento dos debates de temas *secundários* cessou, dando espaço, por tanto, para outras diversas questões do mundo político, dentre elas, questões relacionadas ao meio ambiente, além de ser possível observar a grande ascensão da mídia de massas na sociedade (Shaw, 1996).

Quanto ao meio ambiente, um de seus marcos históricos quanto à inclusão do debate no sistema e na diplomacia internacional pode ser visto a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano, a Conferência de Estocolmo de 1972. Os debates que anteriormente ficavam presos apenas às questões técnicas e ligadas à poluição industrial, deram lugar a discussões sérias sobre mudanças climáticas e qualidade da água. Com a ascensão do debate internacional e esforços conjuntos vistos nas diversas conferências globais na época desde então, se inicia uma governança global ambiental para enfrentar os dilemas relacionados ao meio ambiente, contando com a participação dos Estados e seus debates multilaterais e a sociedade civil. A partir de Gonçalves (2011, p. 108):

A governança ambiental global é, em essência, uma estratégia para a solução dos problemas ambientais. Assume, portanto, o caráter de meio e processo à disposição para enfrentamento dessas questões. Trabalha com base na busca do consenso e da cooperação, articulando os diferentes atores envolvidos. Ela exige participação ampliada - Estados, empresas, organizações não governamentais, comunidade científica - e implica em um conjunto de instituições, sejam regras e procedimentos, sejam práticas sociais (GONÇALVES, 2011, p. 108).

Sendo assim, é visto a criação de mecanismos que suportem a vigilância mútua também como a engatada internacional nas formulações de políticas nacionais, que passam a ser interesse de um coletivo maior.

### 2.1 A TEMÁTICA AMBIENTAL NO BRASIL

Com o aumento do debate ambiental no mundo internacional a partir de 1972, o Brasil possui uma participação inicial tímida e conservadora. Tal posicionamento inicial pode ser visto não só pelo contexto nacional de período militar como também pela culpabilidade

pressionada pelos discursos que começaram a vir do centro capitalista: a de que os países em desenvolvimento seriam os grandes responsáveis pelo agravamento climático pelo uso *indevido* dos recursos naturais e uma tentativa abrupta de desenvolvimento (Coelho, 2015).

Enquanto grande detentor de capital ambiental, mesmo que com inicial participação conservadora, o Brasil se encaminha para a posição de um dos personagens de grande importância e influência nos debates ambientais, visto o seu perfil privilegiado de ser o país mais biodiverso do globo, contando com cerca de 20% das espécies vegetais e entre 15% dos animais do mundo em seu território (MMA, 2020). Ainda, a ideia de soberania nacional sempre serviu de base para os discursos e posicionamentos brasileiros perante a temática ambiental (Motta; Milani, 2023). Porém, é na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de 1992, também chamada de Rio-92 ou ECO-92, que o Brasil se utiliza do mesmo princípio, a soberania, porém declara uma postura diferente: a de responsabilidades comuns porém diferenciadas, mostrando sua mudança de comportamento para um mais cooperativo (Nascimento, 2011).

Segundo Viola (2009) a melhor estratégia nacional quanto ao meio ambiente seria a de não temer se situar enquanto real potência ambiental, pois assim lidaria melhor com constrangimentos internacionais uma vez que estivesse de fato disposto a assumir compromissos como economia de baixo carbono e outros. É a partir, então, dos anos 2000 que o país começa a puxar a narrativa de grande poder reformista quanto à questão da governança climática, porém mesmo que com alguns resultados positivos é visto certas incoerências entre a fala e a ação, visto em questões como o uso da terra, uso de combustíveis fósseis, transição para uma economia de baixo carbono e outros (Franchini, 2019).

Porém, a imagem retratada do Brasil quanto à temática ambiental no exterior nem sempre é positiva ou relatando a grande diversidade biológica, mas também pelo histórico de destruição e desmatamento ambiental perpassando por diversos e diferentes governos federais e estaduais (Rocha, 2020). E mesmo que muitas vezes a fala não expresse a ação, existe um essencialismo de manutenção de imagem nacional enquanto potência climática como ferramenta de consolidação da identidade nacional e também como forma de posicionamento internacional nos debates contemporâneos de política externa (Franchini, 2019). Por fim, uma das grandes críticas ao próprio ativismo ambiental brasileiro é a de que as suas preocupações e pautas parecem globalizadas demais, muito centralizadas e inspiradas nas temáticas dos países de centro capitalista como a questão de emissão de gases, mas esquecem questões como a falta de saneamento básico como problemática ambiental (Paixão, 2021).

### 3. O BRASIL DE BOLSONARO E O MEIO AMBIENTE

O presente trabalho busca focar-se em um governo, o mais recente concluído no momento de escrita do trabalho: o governo Bolsonaro. No dia 1º de Janeiro de 2019, Jair Messias Bolsonaro torna-se o 38º presidente da república do Brasil após eleições que dividiram o país em 2018. Embora esse tenha sido o seu primeiro dia enquanto chefe executivo brasileiro, muito sobre suas intenções e forma de governo já era especulado, debatido e proposto mediante falas durante sua campanha enquanto ainda candidato: uma aproximação unilateral com os Estados Unidos, visto a semelhança ideológica do *antiglobalismo*, de desconfiança dos arranjos multilaterais e uma rejeição ao grande fantasma do comunismo, personificado no maior parceiro comercial do Brasil, a China (Vidigal, 2019).

Anteriormente ao governo Bolsonaro, a política externa ambiental brasileira possuía fundamentos claros e estabilizados por algum tempo: defesa da soberania, princípio de responsabilidades comuns porém diferenciadas (quanto aos países em desenvolvimento), e, utilização do meio ambiente como instrumento de desenvolvimento nacional (Nascimento, 2011). Porém, com o estabelecimento do novo governo federal, se inicia o que foi chamado por eles mesmos de Nova Política Externa Brasileira, onde vão reiterar não só o supracitado como anti-globalismo e descrença ao multilateralismo como é encontrado, também, a ideia de que o movimento ambientalista é produto de um *marxismo cultural* (Branco *et al* 2021).

Segundo palavras do próprio Ministro das Relações Exteriores da época, Ernesto Araújo:

Eu acho que o mais grave do globalismo está na mente e no pensamento. Acho que o globalismo é perigoso porque é, sobretudo, um sistema de pensamento, ou de anti pensamento [...] Então, justamente, através da globalização, começa a entrar com a sua agenda em temas como ideologia de gênero, em temas como ambientalismo distorcido e outros (ARAÚJO, 2020; p. 125).

Com isso, há então uma aproximação declarada do governo com o agronegócio, visando este como grande ferramenta para o desenvolvimento brasileiro e ajustando a pauta ambiental a seu favor. Segundo o próprio Ministério das Relações Exteriores, MRE, o Itamaraty se volta para promoção do agronegócio de forma mais comprometida e efetiva a partir do novo governo (MRE, 2020). Porém, é nessa relação de promoção cega do agronegócio e até negacionismo ambiental que o Brasil entra em um lugar oposto ao que gostaria de estar: a reclusão internacional. Com altos índices de desmatamento que para 2020 apontam um crescimento de 25% quando comparado ao mesmo período de 2019 e discursos

federais preocupantes, declarações contra o posicionamento brasileiro não foram poucas (Sousa, 2020).

A repercussão internacional pode ser vista no primeiro ano do governo Bolsonaro, quando 602 cientistas europeus assinaram uma carta endereçada à União Europeia para que as importações brasileiras fossem condicionadas a o desmatamento promovido quase que como política de governo (Veiga, 2019). Não só relacionado às importações, como também na promoção do próprio Fundo Amazônia, fundo voltado para doações internacionais com objetivo de monitorar e diminuir com o desmatamento da Amazônia Legal, que ficou com repasses suspensos da Alemanha e da Noruega, maiores doadores, visto o caos nacional (Negrão, 2019).

Se o Bolsonaro buscava o desenvolvimento brasileiro a partir do agronegócio e maior inserção no mercado internacional, o posicionamento de seu governo causou o completo contrário, de rejeição e tentativas coercitivas pela via comercial por parte de grandes parceiros comerciais do país. A repercussão internacional da nova personalidade brasileira ganhou um novo apelido: Trump Tropical, enfatizando o caráter controverso e de críticas internacionais quanto à sua atuação (Conceição, 2021). Para tanto, Jair Messias não parece ser uma personalidade distinta entre o meio internacional vivido a partir de 2016, mas sim é uma figura integrante de um movimento internacional da direita como uma forma de oposição à ordem internacional (Cooley; Nexon, 2020). Utilizando do nacionalismo como principal retórica para propagar seus discursos agressivos, também foi um momento de defesa da *família tradicional*, debate quanto ao papel da mulher e seus direitos reprodutivos, forte ligação com a religião e distanciamento com grupos minoritários e debates quanto às questões globais como organizações internacionais e meio ambiente (Motta; Milani, 2023).

Por fim, encarando a ideia de prestígio e imagem como característica central das relações internacionais, influenciada nos dias de hoje pela mídia de massas como propagadora dessas questões. Há evidências que ao contrário de seus antecessores, o Jair Bolsonaro não tomava em consideração as respostas dadas por países que não faziam parte da mesma corrente ideológica que ele. Além disso, ele repudiava e pensava como perseguição. Esse novo posicionamento brasileiro tem o seu poder discursivo esmorecido (Siebeneichler, 2021).

#### 4. MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA

Com a abertura pós-Guerra Fria da arena política para a inclusão de novos atores é que a mídia de massas tem o seu papel realçado: a partir da distribuição de informação, que para além do conhecimento, significa também a diminuição da distância informacional entre líderes e formuladores de política e o público, sociedade civil (Bauman; Potter, 2008). A partir de então, é possível compreender como o papel da mídia é influente no mundo hodierno, exercendo um função de ferramenta para projeção de poder branco, *soft power*, a habilidade de atingir seus objetivos a partir da persuasão de outros, e na criação da percepção de um Estado (Nye, 2004; Ferreira; Ribeiro, 2022).

Quanto ao grau de influência da mídia e opinião pública na formulação de política externa, ainda não há consenso entre pesquisadores, porém, duas principais afirmativas parecem prevalecer nos estudos. A primeira é de que há a presunção de influência maior em modelos diplomáticos de organização política<sup>1</sup> visto que, em tese, o modelo democrático assume que a formulação de políticas é uma representação da média de sua população, portanto, segue o caminho médio da opinião pública de seus cidadãos (Bauman; Potter, 2008). Uma adição interessante nessa análise é a do jogo de dois níveis exposto por Putman (1988), onde se entende que a formulação de política conta com a percepção de aspectos de interesse nacionais e subnacionais mas também é influenciado pela esfera internacional de relações com o sistema, sofrendo uma dupla pressão para a tomada de decisão.

A segunda afirmação prevalente na literatura, é o caráter não neutro que a mídia de massas possui, revelando por vezes alinhamento com elites políticas, sejam que concordam ou discordam da formulação da política em questão. Sendo assim, a mídia se torna um ator de difusão não da realidade *per se* mas de frações e entendimentos particulares dela, não feita diretamente pelo público mas sim uma opinião tornada pública que a partir daí pode influenciar como o próprio público pensa a partir de ferramentas como o enquadramento a agenda (Nogueira, 2002; Miguel, 1999; Lippman, 2008). A partir de Steinberger (2005, p. 72), a luta de poder no campo comunicacional pode ser compreendida a partir da capacidade de construção de imaginários sociais que são alinhados às suas políticas e seus interesses. Ainda, Ferre (1980, p. 276), afirma que são as publicações de elite que possuem o principal

---

<sup>1</sup> Entendendo-se aqui como as diferentes formas em que os Estados organizam e conduzem suas relações exteriores. Os modelos variam de acordo com a estrutura política local e as prioridades de cada país. São exemplos: O modelo de diplomacia tradicional (centralização na mão de um monarca ou líder supremo); constitucionalista (feito por representantes expressos na constituição), e, modelo democrático (conduzido por representantes eleitos ou nomeados de diversas instituições políticas como executivo e legislativo). (Saraiva, 2015).

fator de influência sob líderes para fonte de informação, sendo Wall Street Journal e Foreign Affairs citados como *elite*.

A utilização da mídia enquanto ferramenta para atingir fins políticos não é de exclusividade de formadores de política, sendo visto também momentos onde a sociedade civil consegue influir sobre decisões a partir de sua organização e pressão exercida, externado pela mídia, tendo como casos de sucesso questões relativas ao meio ambiente, visto, por exemplo, nos Acordos de Kyoto (Keohane; Nye, 1988).

É visto, no entanto, a utilização de mecanismos para com que a mídia consiga influenciar na percepção da informação transmitida, duas principais podem ser mencionadas: a determinação da agenda e o enquadramento. A ideia de determinação da agenda, tradução livre do inglês para *agenda setting*, é pioneiramente utilizada por Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972), e indica a habilidade que a mídia possui em retratar certas informações ao invés de outra. Por vezes, a escolha de retratar uma informação ou acontecimento e sua prevalência em continuar no debate abre espaço para a percepção de importância para o tema que talvez assim não fosse retratado na mídia.

Por sua vez, a ideia de enquadramento, do inglês *framing*, é abordada por Robert Entman, em seu trabalho *Framing: Toward clarification of a Fractured Paradigm* (1993), ele define a ideia de enquadramento como o modo como a mídia pode selecionar o que se é reportado e como a seleção específica possui impacto no entendimento final do receptor da informação. Em outras palavras, é a forma de configurar a informação, sendo a partir de recortes da realidade ou o modo com as informações são apresentadas mediante escolha de palavras e ocultação de outras informações relevantes para privilegiar o seu objetivo e entendimento final do acontecimento e influenciar em como a população irá perceber a informação.

Ainda, Robinson (2016, p. 138), acredita que o papel da mídia na formulação de política externa pode ser analisado a partir de dois níveis distintos: pela lente da implementação propriamente dita no sentido de fornecer análises quanto execução da mesma, e, de forma mais substantiva, ao avaliar a argumentação por trás de uma implementação de política, portanto, crítica acerca a justificativa dada pelo governo. Assim como a mídia se utiliza de si mesma como ferramenta para influenciar na formulação de política, é também visto o contrário: quando formuladores de política se utilizam da mídia para persuadir outros atores a atingirem seus objetivos, informar e demonstrar ao público os seus interesses, na chamada diplomacia midiática, termo utilizado por Gilboa (2001), ferramenta bastante utilizada pelo ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro.

Outrossim, a conexão entre política externa e defesa do meio ambiente é multifacetada e complexa, que conta também com a variável da soberania. A soberania é um dos pilares para as relações internacionais nos dias de hoje, representando o poder do Estado em exercer funções supremas dentro de seus territórios. Porém, a realidade é que o meio ambiental não compreende e se limita às fronteiras feitas a partir da ideia de Estado westfaliano, fazendo com que o interesse em preservação seja um quesito que ultrapasse fronteiras, por tanto, objeto de interesse para a sociedade internacional. Com isso, é visto o papel de jurisdição nacional agregada aos Estados detentores dos locais de debate ambiental nos debates e acordos internacionais (Morgenthau, 2003).

Portanto, é visto o aumento dos debates internacionais e o interesse público quanto à preservação ambiental e à contenção da crise climática. A mídia, por sua vez, pode ser analisada como um ator estratégico da sociedade contemporânea, possuindo um grau de influência sob a formulação de política mas também servindo ao que a elite que possui o poder midiático acredita. A mídia, portanto, é o grande meio de compartilhamento da *commodity* ouro da política externa, a informação (Bauman; Potter, 2008). Sendo assim, a importância global dada às questões ambientais é destacada com ajuda da mídia de massas globais, visto que é de interesse comum mundial os impactos ambientais causados no mundo, mediante esforços para mitigação.

#### **4.1 O *THE NEW YORK TIMES***

O gigante que hoje representa o *The New York Times* (NYT) se estabeleceu em um momento muito diferente do que hoje é a história contemporânea da mídia de massas. Em 1851, quase 70 anos após a independência dos Estados Unidos da América da Inglaterra, o jornal começou na indústria chamada “jornal de centavo” (tradução nossa de *penny paper*) num momento interno de valorização de agentes independentes e da mídia. A indústria do *penny press* buscava atingir a maior quantidade de leitores possíveis, atraídos pelos baixo custo e grande sensacionalismo vendido nas páginas dos jornais que abordaram assuntos da vida cotidiana, escândalos, sexo e crimes (Borchard, 2019). Atualmente, é o único jornal da época que ainda se mantém em circulação.

Ainda em seus primórdios o *Times* buscava atingir um nicho diferenciado da imprensa da época, apelava para um grupo mais intelectualizado e com boa cobertura de assuntos e notícias internacionais (Britannica, 2024b). Na versão inaugural do jornal, em 18 de setembro de 1851, foi vista na seção *A Word about Ourselves*, o entusiasmo quanto aos objetivos do mais novo periódico da cidade de Nova Iorque: o intuito de tornar o jornal um dos melhores

da cidade, trazendo notícias sobre todo o mundo quanto à política, vida social, religião e moral. E, mantendo uma posição de “conservadores nos casos onde pensamos em que o conservadorismo seja essencial para o bem público; - e radicalar e tudo aquilo que parece necessitar radicalismo e de reforma radical<sup>2</sup> (A Word..., 1851).

O estabelecimento do NYT enquanto relator de notícias de grande prestígio e confiabilidade foi construído com os anos a partir de diversos momentos de coordenação e incisão de noticiários e reportagens de alta qualidade e com informações de primeira mão. Momentos que respaldam o seu histórico são vistos em exemplos como no acidente do Titanic, o retrato das duas Grandes Guerras e até mesmo uma série de controvérsias do governo estadunidense e do Pentágono sobre a Guerra no Vietnam, garantindo diversos prêmios Pulitzer<sup>3</sup>. E é com esse respaldo nacional quanto à atuação de excelência que Leonard R. Teel (2006) fala em seu livro 1900-1945: *The History of American Journalism* que o NYC conseguiu influenciar os padrões nova-iorquinos de jornalismo.

A revolução tecnológica também trouxe mudanças para a circulação do jornal, com sua versão *on-line* já disponível no ano de 1995, foi a partir de 2011 que implementou a edição para assinantes conseguirem ler sem limitações seus noticiários e publicações gerais (Britannica, 2024b). Atualmente, é possível notar o comportamento político do jornal que reporta mais sobre assuntos sobre direitos humanos, saúde e bem-estar social (Puglisi, 2011).

---

<sup>2</sup> Tradução nossa de: “*We shall be Conservative, in all cases where we think Conservatism essential to the public good; -and we shall be Radical in everything which may seem to us require radical treatment and radical reform.*”

<sup>3</sup> Em inglês, *Pulitzer Prize*, dado anualmente pela Universidade de Columbia pelo “serviço público excepcional no jornalismo, letras e músicas estadunidense (BRITANNICA, 2024a)

## 5. METODOLOGIA

A bibliografia auxiliar para construção da base teórica e revisão de literatura do presente trabalho foi buscada a partir da ferramenta de pesquisa Google Scholar, resultando em bancos de dados, revistas e repositórios acadêmicos nacionais. A busca pela bibliografia deu-se em dois momentos distintos: a priori, buscou-se pelas palavras-chave “Bolsonaro” e “Política Externa Ambiental”, dando prioridade aos trabalhos mais recentes, e, secundamente, pelas palavras-chave “Mídia”, “Opinião Pública”, e “Política Externa”, priorizando publicações clássicas e atuais.

A busca pelos dados analisados se deu a partir da plataforma digital do jornal *The New York Times*, [nytimes.com](https://www.nytimes.com), utilizando-se da própria ferramenta de busca interna, os termos “Brazil” e “Environment”. Para maior especificidade na busca em relação ao objetivo do trabalho foi selecionado as seções “World”, “Climate” e “Magazine” do periódico, excluindo as demais visto para aumentar a especialidade do material encontrado. Ainda na busca interna, selecionou-se o recorte temporal de 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, entendendo-se enquanto o período em que Jair Bolsonaro exerceu o cargo na presidência da república brasileira.

Para a inclusão dos dados no trabalho foi feita leitura superficial dos resultados totais encontrados a partir da união dos códigos “Brazil” e “Environment”, valorizando aos que protagonizaram o Brasil em seu noticiário, indo além de pequena dimensão enquanto objetivo de exemplificar algum argumento exposto no noticiário. Enquanto à exclusão, foi feita a partir de noticiários que fugiram do escopo da pesquisa: a questão ambiental durante o governo Bolsonaro, não incluindo os que protagonizaram outros atores que não o Brasil e o governo do recorte temporal; e, artigos classificados da seção “Opinion”, onde expressam a notícia de forma explicitamente enviesada a partir da opinião do autor ou do próprio jornal através do *The Editorial Board*, não se enquadrando nos critérios da pesquisa visto a parcialidade emitida na publicação e tendo em vista o propósito da análise.

Enquanto ao momento de análise dos dados obtidos, este trabalho está fortemente embasado na técnica da Análise de Conteúdo Categorical (ACC) proposta por Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião (2021). A ACC é feita por três grande categorias, sendo elas, a conceituação, o desenho e a análise, que se dividem em 12 etapas distintas.

Na parte da conceituação, se vê presente a revisão de literatura, onde se identifica o problema a ser respondido; e as questões de pesquisa e hipóteses. No desenho, é visto a seleção das unidades e subunidades de análise, buscando delimitar claramente o corpus de

análise; criar e definir categorias do objeto analisado; amostragem; pré-teste das categorias e das regras de codificação; treinamento final e teste de confiabilidade para aferição dos dados obtidos e processo proposto; e a codificação final. Por fim, na parte referente à análise, existem as etapas da tabulação e aplicação de procedimentos estatísticos; interpretar e reportar os resultados; e, finalmente, a questão científica quanto à validação e replicabilidade.

A partir então da leitura superficial manual do material selecionado foi encontrado padrões temáticos nos noticiários, tornando-se códigos para definição de todo o material estudado. Mediante o tamanho do *corpus* e número relativamente pequeno do estudado, foi possível codificar cada um dos textos de forma manual, a partir de referências e indicadores de cada código, visto em detalhes na Tabela 1, o detalhamento das publicações utilizadas é feito no Apêndice I. Enquanto unidade de análise, o presente trabalho se propõe em analisar os noticiários do *The New York Times* que dão protagonismo na notícia para o tema ambiental do Estado brasileiro durante o recorte de tempo proposto dentro do acervo digital do citado jornal, evidenciando padrões temporais e temáticas apresentados.

CÓDIGO	INDICADORES
Política	Posicionamentos brasileiros; fala em ambientes internacionais; discussão entre atores políticos; repercussão sobre agenda, posicionamento ou acontecimentos nacionais.
Queimadas	Queimadas naturais e antropogênicas feitas em território brasileiro.
Desmatamento	Consequências do desmatamento; proteção e desmatamento; dados sobre desmatamento.
Tragédias Ambientais	Acidentes ambientais naturais ou não; seca; enchentes.
Questões Indígenas	Impactos de políticas na comunidade indígena.

**Tabela 1:** Codificação temática e indicadores relevantes. **Fonte:** Elaborado pela autora.

Por fim, após a análise escrita dos resultados encontrados, contemplando a observação do quantitativo anual de publicações e os principais tópicos abordados no conjunto de cada categoria, foi também acrescentado à análise uma nuvem de palavras categorial e análise de

sentimentos, ambos feitos a partir da linguagem de programação *Python* utilizando as bibliotecas *Wordcloud* e *VADER*. A *Wordcloud*, é a biblioteca utilizada que fornece as palavras mais frequentes nos *corpus* analisados. Enquanto *VADER*, *Valence Aware Dictionary and Sentiment Reasoner*, fornece a leitura da análise de sentimento quantificando os textos em pontuação de -1 até +1 e classificando entre negativo, neutro ou positivo.

Uma menção importante de ser feita é a limitação da biblioteca *VADER* a partir do seu caráter tríade de análise, que possui sua faixa interpretativa um pouco limitada entre “positivo” e “negativo”. Sendo assim, pode, por vezes, pecar em interpretações como quando há nuances linguísticas como a utilização de sarcasmo ou ironia, ainda sim, se mantêm enquanto ferramenta válida e de grande precisão de interpretação de sentimento em produções textuais.

## 6. O BRASIL NAS PÁGINAS DO *THE NEW YORK TIMES*

Nesta seção do trabalho inicia-se a análise de dados obtidos pela via metodológica expressa anteriormente. No entanto, antes de chegar no resultado final, é interessante observar a expressividade tanto da temática ambiental brasileira, sem as delimitações metodológicas do trabalho, as tendências temporais, e também o Brasil enquanto ator dentre os mais variados temas como questões políticas, sanitárias, comerciais e outros dentro do *Times*. Com isso, as Tabelas 2, 3, 4 e 5 mostram os resultados coletados a partir da ferramenta de busca do jornal, inicialmente pela palavra *Brazil* e por conseguinte, *Brazil Environment*, a relação percentual entre ambos, e, por fim, os números totais de publicações encontrados no recorte temporal entre 1º de janeiro à 31 de dezembro de cada ano correspondente, abrangendo todos os anos do governo Bolsonaro.

É válido ressaltar que ambas pesquisas iniciais para demonstrar a prevalência da relação das palavras-chave Brasil e Meio Ambiente, não seguindo o mesmo critério para análise central do trabalho, contam com artigos de opinião, editoriais, noticiários e até mesmo conteúdos audiovisuais. Ainda, os números expressos podem não corresponder integralmente ao número de publicações que protagonizam o Brasil ou tema relacionado, mas sim, momentos em que o *corpus* identificado pela pesquisa, utiliza dessas palavras-chave como forma de exemplificar ou validar algum ponto feito dentro de cada matéria.

A partir de então, encontra-se os resultados para o ano de 2019, expresso na Tabela 2, totalizando 1.326 publicações encontradas com a palavra-chave “*Brazil*”, e vendo a relação “*Brazil Environment*” representando uma média 15,30% das publicações anuais, maior relação encontrada entre todos os anos estudados. Ainda, o ano de 2019 foi o mais expressivo dentro do recorte do presente estudo, com um total de 27 notícias analisadas, onde quase metade foram tidas no mês de agosto, revelando o caráter expressivo do noticiamento das queimadas na Amazônia.

<b>Mês de Publicação</b>	<b>Brasil</b>	<b>Brasil + Meio Ambiente</b>	<b>% da Relação Brasil+Meio Ambiente</b>	<b>Com Recorte da Pesquisa</b>
<b>Janeiro</b>	134	18	13,43	5

<b>Fevereiro</b>	110	7	6,36	0
<b>Março</b>	86	5	5,81	0
<b>Abril</b>	83	12	14,46	0
<b>Mai</b>	106	17	16,04	0
<b>Junho</b>	115	18	15,65	0
<b>Julho</b>	98	12	12,24	2
<b>Agosto</b>	157	32	20,38	13
<b>Setembro</b>	116	23	19,83	0
<b>Outubro</b>	86	21	24,42	1
<b>Novembro</b>	96	14	14,58	4
<b>Dezembro</b>	139	24	17,27	2
<b>Total</b>	<b>1.326</b>	<b>203</b>	<b>(Média) 15,30</b>	<b>27</b>

**Tabela 2:** Publicações totais encontradas no *The New York Times*, dentre o período de 01/01/2019 até 31/12/2019. **Fonte:** Elaborado pela autora.

No ano de 2020, na pesquisa inicial apenas por “*Brazil*” encontram-se 1.553 publicações, sendo visto uma queda percentual relativa na relação “*Brazil Environment*”, 13,71%, mesmo tendo 7 resultados a mais encontrados nessa relação quando comparado ao ano anterior. A conjuntura global pode ser suficiente para apontar um dos fatores pelo qual o presente ano representa em menor quantidade o recorte da pesquisa, como eleições presidenciais nos Estados Unidos e um mundo midiático focado nas questões do Covid-19. Embora a temática das queimadas ainda seja a mais abordada, o foco muda de Amazônia para Pantanal, totalizando 3 publicações. Os resultados encontrados são detalhados na Tabela 3.

<b>Mês de Publicação</b>	<b>Brasil</b>	<b>Brasil + Meio Ambiente</b>	<b>% da Relação Brasil+Meio Ambiente</b>	<b>Com Recorte da Pesquisa</b>
<b>Janeiro</b>	100	17	17,00	1
<b>Fevereiro</b>	76	12	15,79	0
<b>Março</b>	117	11	9,40	0
<b>Abril</b>	159	23	14,47	1
<b>Mai</b>	118	19	16,10	0
<b>Junho</b>	179	21	11,73	1
<b>Julho</b>	167	18	10,78	0
<b>Agosto</b>	117	22	18,80	1
<b>Setembro</b>	150	22	14,67	2
<b>Outubro</b>	137	17	12,41	1
<b>Novembro</b>	108	16	14,81	0
<b>Dezembro</b>	125	12	9,60	0
<b>Total</b>	<b>1.553</b>	<b>210</b>	<b>(Média) 13,71</b>	<b>7</b>

**Tabela 3:** Publicações totais encontradas no *The New York Times*, dentre o período de 01/01/2020 até 31/12/2020 **Fonte:** Elaborado pela autora.

Em 2021, observou-se menor relação percentual entre as palavras-chave Brasil e Meio Ambiente, em um total de 1.984 publicações a relação anual da combinação das palavras é de apenas 11,55%. Com um total de 9 resultados encontrados que satisfazem a análise da pesquisa, os assuntos protagonistas do ano foram acerca das tragédias ambientais e política, abordando desde seca severa até repercussão de falas do presidente em ambientes internacionais. Na Tabela 4 é possível observar os resultados de forma detalhada.

<b>Mês de Publicação</b>	<b>Brasil</b>	<b>Brasil + Meio Ambiente</b>	<b>% da Relação Brasil+Meio Ambiente</b>	<b>Com Recorte da Pesquisa</b>
<b>Janeiro</b>	211	10	4,74	1
<b>Fevereiro</b>	119	12	10,08	1
<b>Março</b>	168	40	23,81	0
<b>Abril</b>	154	13	8,44	1
<b>Mai</b>	121	17	14,05	1
<b>Junho</b>	154	19	12,34	1
<b>Julho</b>	159	10	6,29	1
<b>Agosto</b>	153	9	5,88	0
<b>Setembro</b>	127	20	15,75	0
<b>Outubro</b>	108	20	18,52	0
<b>Novembro</b>	141	44	31,21	2
<b>Dezembro</b>	94	15	15,96	1
<b>Total</b>	<b>1.984</b>	<b>229</b>	<b>(Média) 11,55</b>	<b>9</b>

**Tabela 4:** Publicações totais encontradas no *The New York Times*, dentre o período de 01/01/2021 até 31/12/2021. **Fonte:** Elaborado pela autora.

Na Tabela 5, por fim, são encontrados os resultados para o ano final da presidência de Jair Bolsonaro, 2022. Com 1.335 publicações livres do recorte da pesquisa, a relação entre Brasil e Meio Ambiente representa um total de 13,63% dos resultados encontrados. Observando-se um tímido crescimento tanto na representatividade da relação entre ambas palavras-chave quanto de resultados para a pesquisa. Das 12 notícias analisadas, a questão política foi a mais abordada pelo jornal, totalizando 75% dos resultados, sendo possível

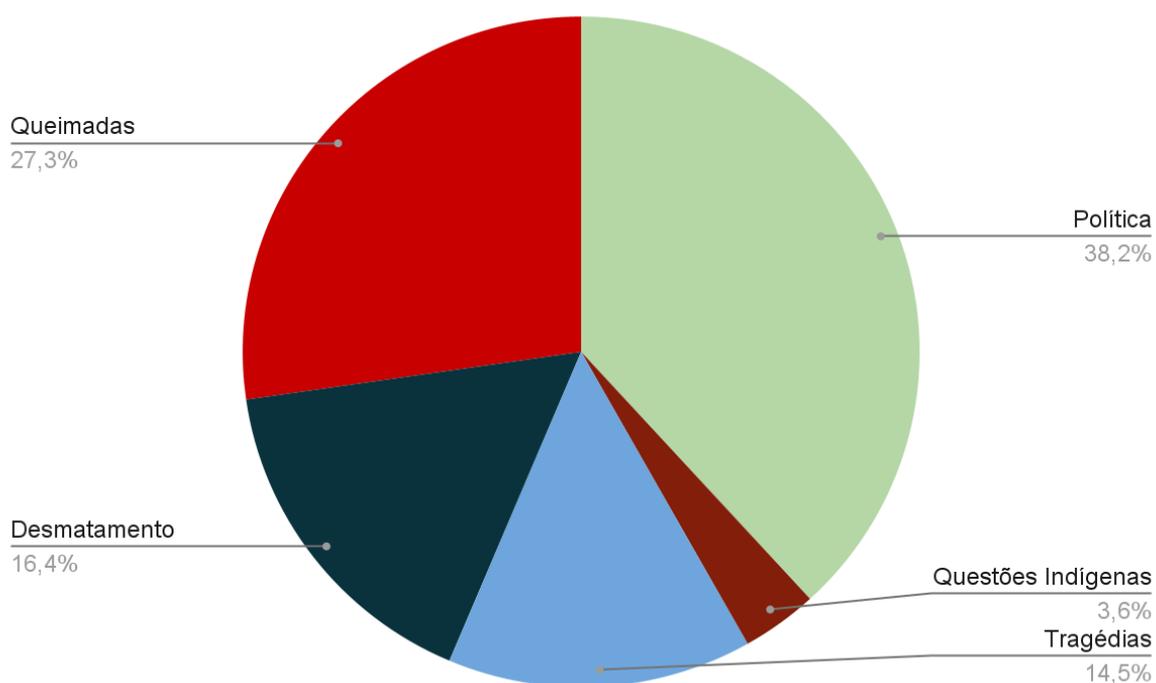
concluir que essa prerrogativa temática é vista principalmente devido às eleições presidenciais nacionais e posicionamentos internacionais do então presidente Bolsonaro.

<b>Mês de Publicação</b>	<b>Brasil</b>	<b>Brasil + Meio Ambiente</b>	<b>% da Relação Brasil+Meio Ambiente</b>	<b>Com Recorte da Pesquisa</b>
<b>Janeiro</b>	73	4	5,48	0
<b>Fevereiro</b>	78	10	12,82	0
<b>Março</b>	85	14	16,47	2
<b>Abril</b>	89	14	15,73	2
<b>Maiο</b>	74	11	14,86	0
<b>Junho</b>	96	9	9,38	2
<b>Julho</b>	97	15	15,46	0
<b>Agosto</b>	74	10	13,51	0
<b>Setembro</b>	97	19	19,59	0
<b>Outubro</b>	173	18	10,40	2
<b>Novembro</b>	192	42	21,88	4
<b>Dezembro</b>	207	16	7,73	0
<b>Total</b>	<b>1.335</b>	<b>182</b>	<b>(Média) 13,63</b>	<b>12</b>

**Tabela 5:** Publicações totais encontradas no *The New York Times*, dentre o período de 01/01/2019 até 31/12/2022. **Fonte:** Elaborado pela autora.

A partir da seleção feita pela pesquisa, chega-se ao total de 55 publicações que se enquadram enquanto material de estudo para este trabalho. Com a análise superficial dos

resultados encontrados, é possível identificar a recorrência de grupos temáticos reportados aos leitores do *Times*, dentre eles, é possível facilmente observar a questão das queimadas, tanto na Amazônia quanto no Pantanal, o desmatamento da Amazônia, questões políticas de atuação do governo ou interação nacional e internacional, o tratado de tragédias ambientais e notícias quanto à questão indígena. A representação percentual do supracitado pode ser visto com maior precisão a partir do Gráfico 1.



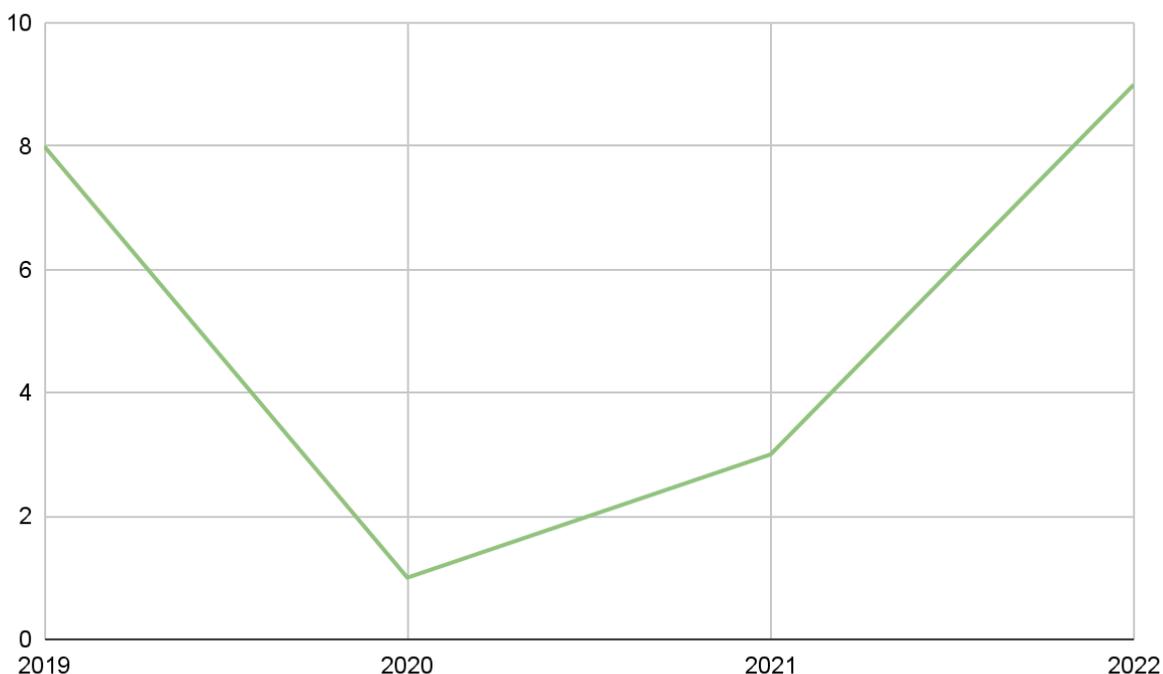
**Gráfico 1:** Notícias no *The New York Times* por área temática. **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

Destarte, o presente trabalho propõe-se a analisar o sentimento e predominância de palavras, além da recorrência de assuntos abordados por categoria, das notícias previstas na Tabela 2. A divisão do montante dos resultados é feita a partir das temáticas centrais que são abordadas em seu *corpus*, indicados por Lycarião e Sampaio (2021, p. 46), como categorias: “[...] elementos que nos dão meios para descrever o fenômeno sobre investigação [...]”. Dentre as categorias propostas de análise, portanto, se encontram as queimadas, a pauta política, desmatamentos, tragédias ambientais e questões indígenas.

## 6.1 POLÍTICA E MEIO AMBIENTE

A temática política é a mais retratada nas páginas do *The New York Times*, contando com um total de 21 publicações entre 1º de janeiro de 2019 até 31 de dezembro de 2022, dentro do recorte feito por esse estudo. Foi incluído nesse recorte notícias que abordam exclusivamente a postura política nacional e internacional do Bolsonaro quanto ao meio ambiente, desde discursos em eventos internacionais até mesmo desavenças com outros políticos e personagens internacionais. O objetivo central do recorte é o protagonismo da temática e posicionamento político quanto às tomadas de decisão e posicionamento na governança global, mesmo que, secundariamente, aborda também outras questões como a preservação da Amazônia ou transição de poder, já no final do mandato de Bolsonaro.

O volume publicado, por ano, pode ser melhor analisado no Gráfico 2, a seguir:



**Gráfico 2:** Número de notícias sobre *política* no *The New York Times* no período de 2019-2022. **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

Diante o resultado encontrado, é visto que em seu primeiro dia enquanto chefe do executivo brasileiro, Jair Messias Bolsonaro já era observado enquanto líder de extrema direita que chegou causando mudanças no cenário político. De cunho conservador, já apresentava o direcionamento ambiental de seu governo com a retirada da proposta de sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, COP 25, no mesmo ano,

distanciando da tradição política brasileira de ativismo ambiental. A ascensão de Bolsonaro no Brasil foi interpretada enquanto uma sede por mudança, buscando novas alternativas para problemas pouco solucionados pelas administrações anteriores no país.

A promessa de retirada do país do Acordo de Paris, um dos pilares da governança ambiental global, junto aos discursos de campanha de Bolsonaro, causam tom de alerta para o *Times*, visto a importância biológica do Brasil para o meio ambiente e diminuição dos impactos globais das mudanças climáticas. Ainda, é apresentado como a questão ambiental é desimportante em todas as esferas do governo, indo desde o Ministro do Meio Ambiente, que afirma que o aquecimento global é um problema secundário em sua pauta, até o Ministro das Relações Exteriores, que não acredita em mudanças climáticas.

A imagem do Bolsonaro é tida como um presidente nacionalista, mas não em tom amistoso e positivo, que valoriza a cultura, população e incentiva o orgulho nacional, mas sim de forma quase isolacionista, desconsiderando parceiros econômicos por razões ideológicas, suprimindo a diversidade interna e propagando ideologias extremistas. É nos anos iniciais de seu mandato que se observa as semelhanças e aproximações ideológicas com o governo estadunidense de Donald Trump, sendo chamado até de “Trump Tropical”, onde apresenta duras afirmativas como a de que não se desculparia por priorizar a economia nacional, mesmo que ao custo do meio ambiente.

Os noticiários do *Times* explicita como Bolsonaro era contraditório com seu próprio discurso, pois afirmava internacionalmente, por exemplo, que tinha tolerância zero com crimes ambientais, mas as práticas nacionais não condizem com o discurso. Destacava-se também as ações do ex-deputado em diminuir as instituições de monitoramento ambiental e rejeitando milhões de reais de apoio internacional para o combate das queimadas na Amazônia.

Um dos emblemáticos debates políticos internacionais retratados, é entre o ex-presidente brasileiro e o então presidente francês, Emmanuel Macron. Utilizando da sua ferramenta de diálogo principal com seu eleitorado, o antigo *Twitter* e agora *X*, Bolsonaro retoma a retórica da soberania brasileira na questão da Amazônia, desconfiado de tamanha tentativa de doação europeia a partir do G7, cerca de 22 milhões de dólares, iniciado principalmente por Macron. A negativa do aceite da doação, também fomentou insultos pessoais e insinuações ao presidente francês pelo brasileiro.

Em mais um ataque e discórdia com figuras internacionais, Bolsonaro, utilizando-se de mídias sociais, envolvendo-se em um embate com o ator e ativista ambiental Leonardo DiCaprio. Nesse episódio, o então presidente brasileiro culpa o ator por parte de queimadas na

Amazônia, através de doação para a *World Wildlife Fund*, WWF. No NYT, essa afirmativa é vista como uma manobra na tentativa de desviar-se da culpa que o sistema internacional lhe impunha e pressionava sobre o aumento das queimadas ilegais no bioma brasileiro.

Mesmo com o discurso agressivo e duro quanto ao meio ambiente, o retratado é que Bolsonaro não possui autonomia suficiente para bancar internacionalmente com seu posicionamento, muito embora seja tido que sua liderança enfraqueça qualquer influência para a proteção ambiental. Então, a partir de pressões internacionais de investidores e países europeus, Jair se vê banindo queimadas no período da seca e acionando uma operação militar contra o desmatamento ilegal na Amazônia. Essas ações são como uma moeda de troca estabelecida pelo internacional para concessão de seu pedido de entrada na OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

A partir de 2021, o cenário político começa a mudar, visto que até mesmo grandes empresas brasileiras começam a pressionar o presidente para acabar com o desmatamento ilegal e melhorar a posição comercial internacional do país. Mesmo com suas afirmações de intenção de acabar com o desmatamento até 2030 e projetos estabelecidos, sua mensagem é recebida com bastante ceticismo.

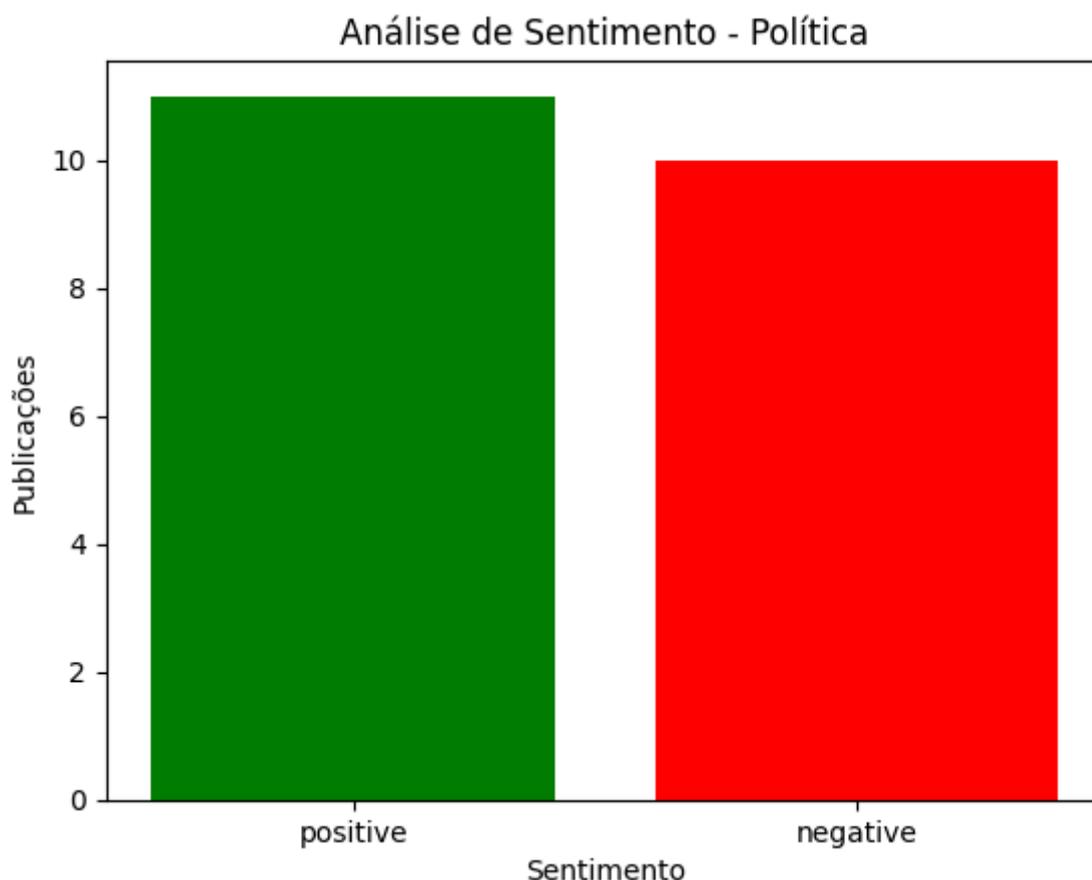
Por fim, é reportado o retrocesso da imagem ambiental brasileira pelas propostas pouco ambiciosas na COP 25, junto aos seus poucos detalhes processuais, questionando o real comprometimento brasileiro para mudanças estruturais reais. O seu negacionismo quanto ao aquecimento global e problemas ambientais possui relação direta com o crescente aumento do desmatamento na Amazônia. Já no fim de 2022, preparando-se para a transição de governo, o afirmado é que o legado ambiental de Jair Bolsonaro para o Brasil seria de destruição, negando acordos ambientais e desestabilizando instituições para favorecer a mineração, o agronegócio e atividades ilegais.

A partir da nuvem de palavras vistos na Figura 1, é possível observar a prevalência de determinados textos dentro do conjunto de corpus desse recorte do estudo. A predominância da palavra “*said*”, traduzida para “disse” em português, refere-se literalmente a muitas das falas do ex-presidente, sejam posicionamentos em ambientes internacionais ou na sua plataforma de comunicação *X*. Porém, de maneira conotativa também pode ser interpretada como um grande “fala mas não faz” de Bolsonaro, um presidente que muitas vezes afirmou que buscava mudanças mas não conseguia de fato concretizá-las.

Ainda dentro da questão política, é visto a relevância das palavras “*Amazon*”, “*Deforestation*”, “*Forest*”, “*Fire*”, “*Indigenous*”, onde esse conjunto remete ao mesmo denominador comum: a Amazônia e suas questões, seja de proteção aos povos indígenas,



realidade representam um falso-positivo mediante o *corpus* completo e não a mensagem integral do noticiamento, e devido à simplicidade da ferramenta de análise utilizada não é possível elaborar quais tendências e sentimentos específicos são identificados.



**Gráfico 3:** Análise de sentimento das publicações do tema “política” **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

Por exemplo, no texto intitulado “*Brazil Wanted Change. Even Before Taking Office, Jair Bolsonaro Delivered.*”, o uso de palavras com sarcasmo ou interpretação de vontade de mudança pode demonstrar uma ideia de esperança, sentimento positivo e quando observador superficialmente confundido como positivo. Outro exemplo de falso-positivo na leitura de sentimento é visto na fala de Bolsonaro no Fórum Econômico Mundial em Davos, embora mensagem crítica às políticas de Bolsonaro, a leitura do noticiário é feita como positividade devido ao otimismo expresso pelas propostas econômicas de Bolsonaro, não interpretando, portanto, o ceticismo da comunidade internacional às propostas.

Então, após leitura manual dos resultados obtidos, é concluído que 6 dentre os 11 resultados classificados como “positivo” retratam um falso-positivo, demonstrando a fragilidade da biblioteca VADER em codificar sarcasmo e ironias incluídas no texto. Nesse caso, diversos são os casos onde a positividade na mensagem encontrada é referida à potencialidade de organizações e políticas internacionais para mitigar efeitos climáticos, por exemplo. Ou a procura nacional por investimento no desmatamento da Amazônia a partir de um programa que não foi bem elaborado ou comunicado internacionalmente. Com isso, é revelado certa ambiguidade na mensagem, mas o tom crítico em relação aos posicionamentos e políticas bolsonaristas continuam presentes.

Os outros 5 resultados verdadeiramente positivos são principalmente devido às eleições brasileiras ocorridas em 2022, formando então esperança quanto a mudança de administração federal brasileira protagonizada por Luís Inácio Lula da Silva. O pernambucano, já duas vezes presidente do país, possui uma positiva imagem internacional quanto à defesa do meio ambiente e vanguarda na governança ambiental global, demonstrando então o antagonismo quanto à administração que era presente nas escritas dos noticiários. Ainda, é visto com positividade o noticiário que retrata sobre a cooperação brasileira com a República Democrática do Congo e Indonésia para proteção de florestas tropicais do mundo.

Quanto aos resultados negativos, muito já se foi interpretado na análise conjunta das mensagens no começo dessa seção, que representam portanto foco no personagem do Bolsonaro e suas ações como falas contraditórias, políticas ambientais, falha na resposta adequada quanto aos incêndios não planejados e ceticismo quanto ao potencial de mudança do governo.

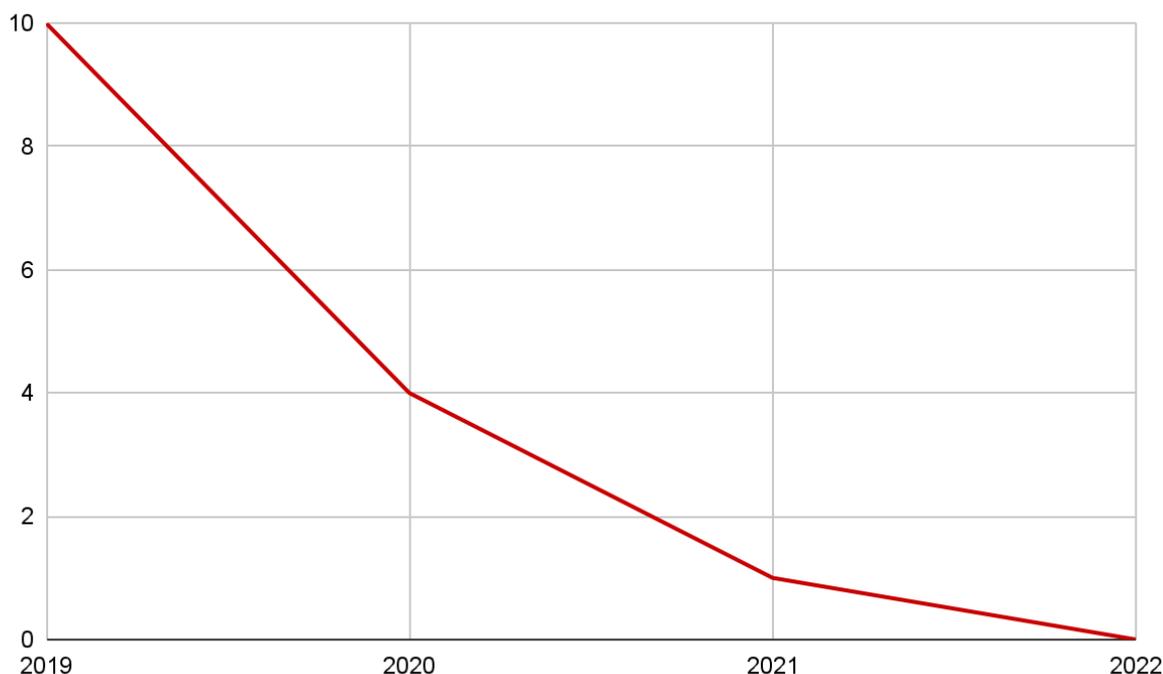
## 6.2 A QUESTÃO DAS QUEIMADAS

Sendo o segundo tópico mais noticiado sobre o meio ambiente brasileiro no período de 2019 até 2022, a questão das queimadas foi abordada principalmente no ano de 2019, como visto no Gráfico 4, somando um total de 15 publicações. Algumas teorias são possíveis de serem levantadas baseando-se no quantitativo do tema ao longo desse período, como por exemplo a ideia de que o mundo estava voltado para questões da Covid-19 no ano de seu pico, 2020, e ainda muito em alta pela questão da vacina em 2021<sup>4</sup>. Porém, essa teoria

---

<sup>4</sup> Salientada pela especialista do Greenpeace Cristiane Mazzatti ao Brasil de Fato em: STROPASOLAS, Pedro, Covid-19 será cortina de fumaça para desmatamento, alerta especialista do Greenpeace. **Brasil de Fato** Disponível em:

apresenta uma falha, visto que no ano de 2022 não foi encontrado nenhum noticiário que se encaixasse na categoria *queimadas* proposta por esse estudo, mesmo sendo um ano de alta presença de focos de queimadas naturais e antropogênicas no território brasileiro.



**Gráfico 4:** Número de notícias sobre *queimadas* no *The New York Times* no período de 2019-2022. **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

A imagem do Jair Bolsonaro é recorrentemente retratada como um político da extrema direita de postura radical, tão crítico da legislação ambiental que até se envolve no processo de desmonte de aparatos institucionais que resguardam a proteção ambiental e trazem estudos acerca do tema. O sentimento passado para o leitor é sempre de emergência, trazendo a ideia de crise internacional e subjugando o personagem do ex-presidente como irresponsável que não leva a crise climática a sério e sempre busca encontrar um responsável pelo caos interno. É observado a recorrente menção nos noticiários do aumento das queimadas durante sua gestão, principalmente na área da Amazônia.

Como um personagem interpretado como de extrema direita, não é surpresa então perceber a também retratação enquanto antiglobalista, sendo observado em momentos em que o ex-chefe do executivo recusa ajuda internacional para monitorar as queimadas na Amazônia pelo Fundo Amazônia e também o episódio onde o mesmo acusa organizações não

governamentais de serem responsáveis pelas queimadas na Amazônia mesmo sem qualquer prova para a afirmativa. Ambos exemplos citados são reportados pelo *New York Times* e a imagem construída para o ex-presidente é a de incoerência quanto aos valores do sistema internacional, tido como um homem alheio ou mesmo despreparado. Além disso, como forma de reforçar a imagem anti-ambientalista do Jair Messias, é possível ver em diversas publicações a retomada da fala do ex-presidente em que afirma que em seu governo as portas da Amazônia seriam abertas para o comércio como ferramenta para o desenvolvimento nacional.

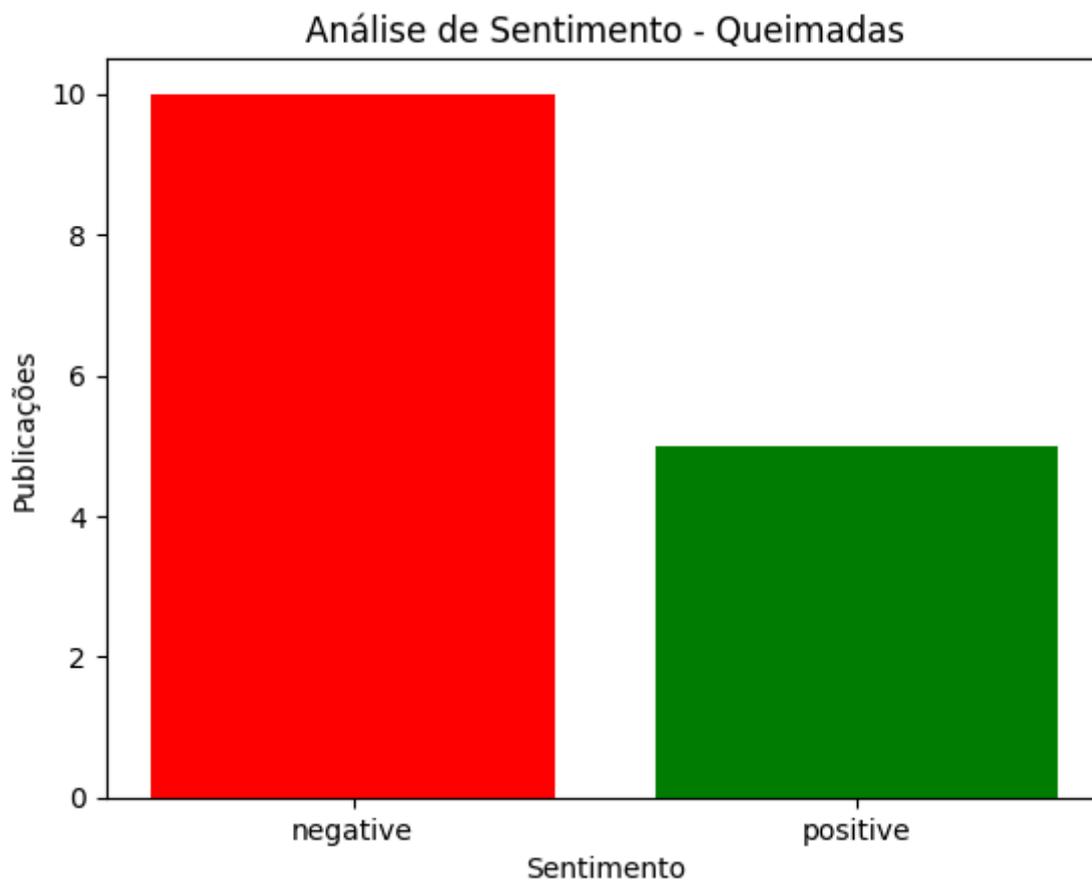
Enquanto às pressões internacionais, visto ascensão de interesse global na questão principalmente durante o ano de 2019, Bolsonaro tenta esquivar-se utilizando uma velha retórica conhecida no Brasil: a questão da soberania nacional. Ela fora utilizada por diversas vezes pelo então presidente ao passo em que afirmava que o interesse internacional e a demanda por melhora na fiscalização ambiental eram demandas apenas de interesse nacional, contendo apenas ao internacional como forma colonialista de intervenção, algo inadmissível.

Portanto, o país é retratado como Estado que sofre impactos negativos na sua imagem ambientalista, obtendo um governo fraco que mesmo com forte aparato institucional e penal, falha cumprir com o previsto pois o seu chefe do executivo tem prioridades focadas no agronegócio, onde promessas são feitas no meio internacional apenas como ferramenta de contenção de danos na exportação para países mais rigorosos comercialmente, pois nenhuma mudança é de fato vista.

Por fim, é visto maior visibilidade para as queimadas ocasionadas na Amazônia mais que em qualquer outro bioma brasileiro. Na amostragem total, apenas duas mencionam as queimadas no Pantanal, que também ganhou bastante visibilidade nacional devido à fumaça que chegou até a capital paulista e deu um tom diferente para os céus da grande metrópole brasileira. Ainda, é válido ressaltar que, mesmo em tom crítico ao governo federal, os noticiários apresentam a afirmativa de que as queimadas são acontecimentos naturais da época de seca, porém, tem também a ação humana visando ganhos comerciais (como liberação de pasto para o gado), que sendo respaldadas com um novo governo federal, inflaciona e aumenta os focos de queimadas desenfreados e a má administração de tal ação.

Quanto à nuvem de palavras obtidas nesta seção, visto na Figura 2, é visto o protagonismo da Amazônia, como citado previamente. Para além das questões que se relacionam diretamente com queimadas como “*fire*” e “*land*”, por exemplo, é visto a tímida presença de “*Pantanal*” e “*Climate Change*”, identificando que as publicações vão um pouco além apenas da questão amazônica.





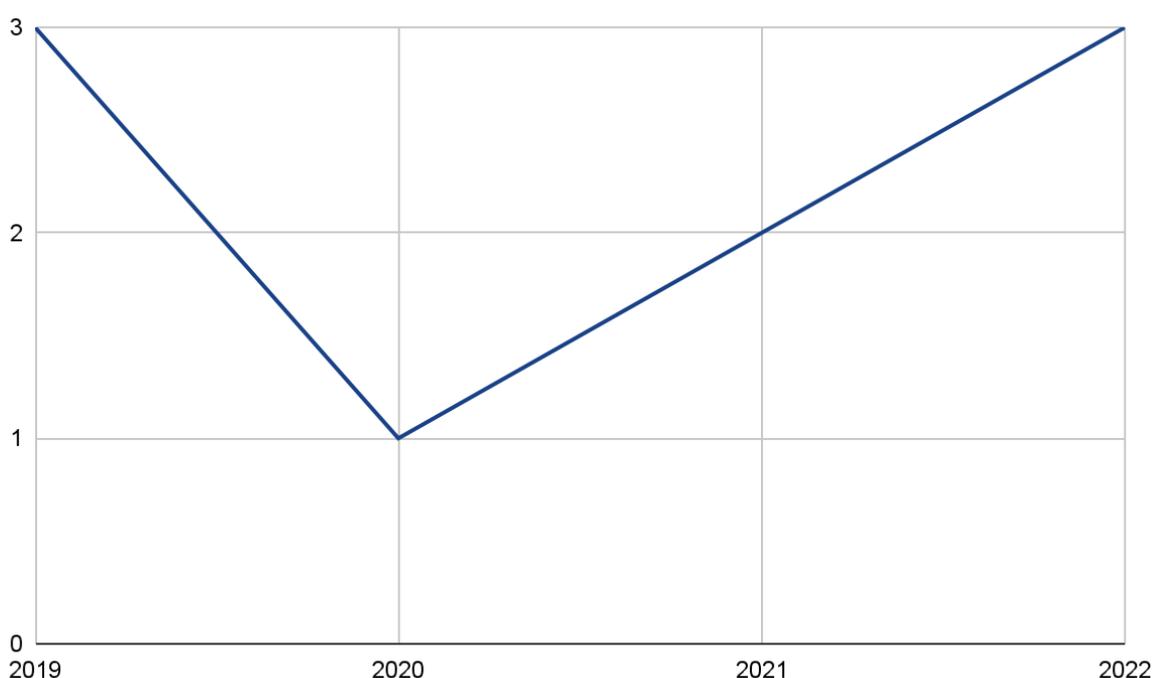
**Gráfico 5:** Análise de sentimento das publicações do tema “política” **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

O artigo que de fato representa um tom positivo possui título de “*Brazil Marshals Forces to Fight Amazon Fires (and Restore ‘Positive Perception’)*” publicado por Ernesto Londoño em 2019. No *corpus* do texto é identificado a ação feita, a partir de pressão internacional, para a mitigação dos focos de incêndios na Amazônia, e é esse esforço de pessoal e físico que configura a matéria enquanto “positiva”, embora o atraso da resposta bolsonarista seja evidenciado e o perfil do presidente em ir em descontra com regulamentações ambientais. Ademais, o segundo resultado de fato positivo retrata mais uma espécie de notícia documental, dando luz às peculiaridades populacionais da Amazônia como os “*cowboys*”.

Os demais casos, fornecem o mesmo padrão encontrado nos resultados identificados como negativos, o destaque do impacto dos incêndios na Amazônia para o Brasil, o mundo e o meio biológico, tom de alarme e críticas às posturas do então presidente Jair Bolsonaro e as implicações com as pressões internacionais.

### 6.3 O DESMATAMENTO

Embora essa seção trata sobre a abrangência temática da questão do desmatamento, observa-se nos dados encontrados o protagonismo da retratação do desmatamento na Amazônia, onde entre o total de 9 publicações encontradas todas tratam do assunto, muito embora outros biomas nacionais também sofram com o mesmo problema, evidenciando mais uma vez uma potencial definição de agenda e enquadramento quanto ao tema. Ainda, é visto queda de publicações no ano 2020, recuperando-se ao patamar inicial de 2019 no ano do último governo, 2022, como visto no Gráfico 6.



**Gráfico 6:** Número de notícias sobre *desmatamento* no *The New York Times* no período de 2019-2022. **Fonte:** Elaborado pela autora (2024)

O perfil do ex-presidente Jair Bolsonaro é recorrentemente retratado como um líder que utiliza-se de notícias falsas para respaldar suas ações governamentais e que intenciona fragilizar as estruturas institucionais que resguardam e estudam o meio ambiente. Além, também, de ser afirmado diversas vezes entre as publicações que o desmatamento da Amazônia aumentou mais que o normal sob o governo Bolsonaro. Ainda, repetidamente, Bolsonaro utiliza-se da retórica de soberania e desenvolvimento nacional para tentar desviar-se das pressões internacionais, porém, falha em sua tentativa.

Com a mudança administrativa do governo estadunidense em 2020, Bolsonaro viu-se sem um aliado ideológico que agora também se via sob pressão internacional para encaminhar o Brasil para medidas de mitigação do desmatamento na Amazônia. E, é nesse cenário que se inicia o debate internacional na tentativa de pressionar economicamente o governo federal brasileiro para agir, sendo proposto a ilegalidade da compra de *commodities* de áreas desmatadas ilegalmente.

Então, é observado que com a pressão internacional intensificada e a ausência de sua grande inspiração política, Donald Trump, no comando dos Estados Unidos, é que Bolsonaro começa a apresentar mudanças tímidas em suas falas quanto ao comprometimento para o desmatamento da Amazônia, quando promete acabar com todo desmatamento ilegal em 8 anos mas sua afirmação não possui credibilidade alguma e é altamente questionada. É reportado que nesse período, 2019-2022, que o Brasil observa uma mudança de quase 180 graus na sua imagem internacional. A percepção de seu ativismo ambiental sai do ideal protetor do meio ambiente para o ofensor do meio ambiente.

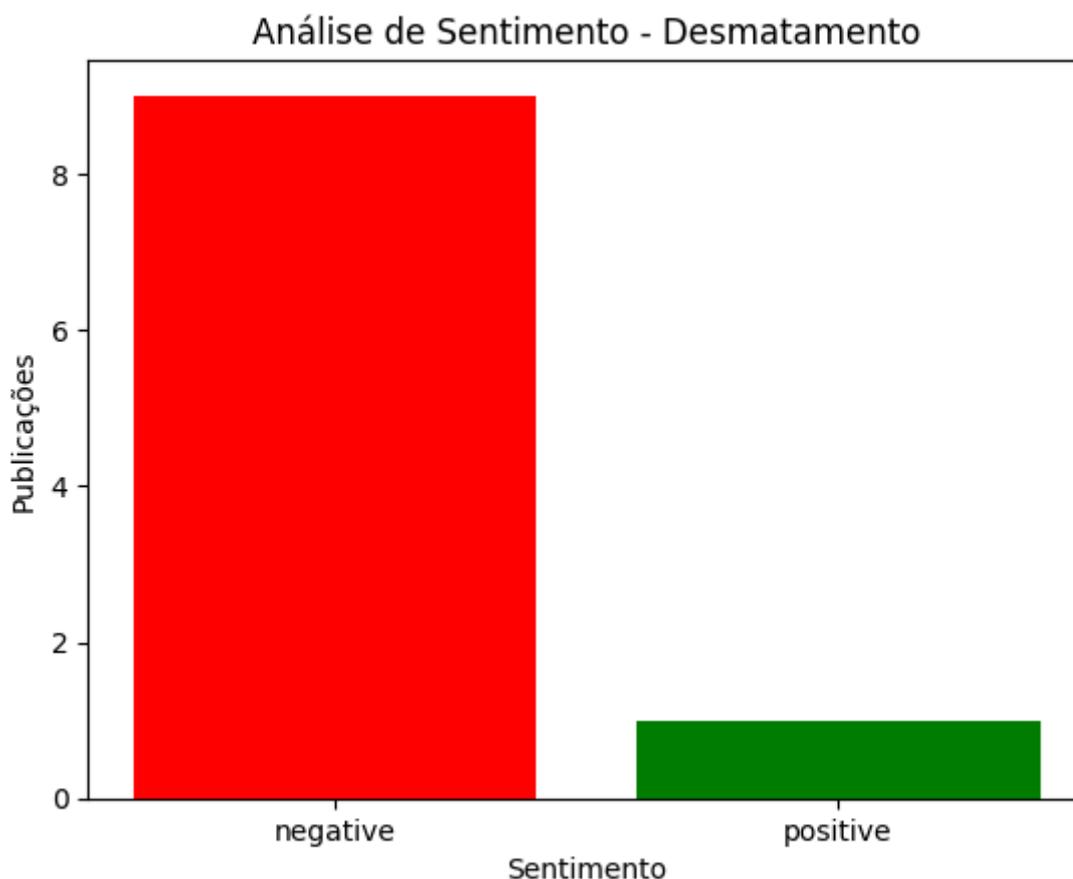
Mesmo com o cenário de pressão externa e discursos positivos, o reportado é que ainda sim os números de desmatamento ilegal não despencam, revelando um governo que aparenta está preocupado com a repercussão internacional mas não exatamente com o monitoramento e investimento para mitigar, de fato, internamente. A representação geral sobre a Amazônia é que anda em passos largos para não mais conseguir recuperar-se de forma autônoma das secas e desmatamento, tornando-se futuramente uma região formada apenas por pastagens, causando enorme perda para a biodiversidade global e impactos para a crise climática.

Por fim, no texto *The War for the Rainforest* fica claro a imagem que o *Times* possui do, até então, presidente brasileiro. No decorrer do texto, é explícito que os amazonenses que desrespeitam a demarcação de territórios indígenas através do desmatamento, mineração, pecuária e agricultura e não se importam com a preservação da história e cultura nativa são “*Bolsonaro’s people*”. Tradicionalmente conhecidos como bolsonaristas no português brasileiro.

Quanto ao desmatamento do meio ambiente brasileiro, a Figura 3 apresenta a nuvem de palavras dos noticiários encontrados nessa classificação. Mais uma vez, “*said*”, possui o maior destaque na nuvem de palavras, retratando falas principalmente de Jair Bolsonaro. A questão do desmatamento no Brasil, do ponto de vista internacional, está intimamente conectado com a Amazônia, vindo a partir de palavras como “*Amazon*” e “*Brazil*”, com segunda maior aparição na nuvem. Fica evidente, portanto, que aos olhos internacionais a



a questão da preservação ambiental não era o maior interesse do presidente brasileiro da época.



**Gráfico 7:** Análise de sentimento das publicações do tema “desmatamento” **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

A princípio, o Gráfico 7 representa a análise de sentimento textual da categoria “desmatamento” proposta por esse estudo. Um adendo importante ao gráfico é de que por razões de limitações de caracteres na ferramenta utilizada para alocação do *corpus* e posterior análise, um dos textos precisou ocupar duas células, gerando um resultado extra para o sentimento “negativo”.

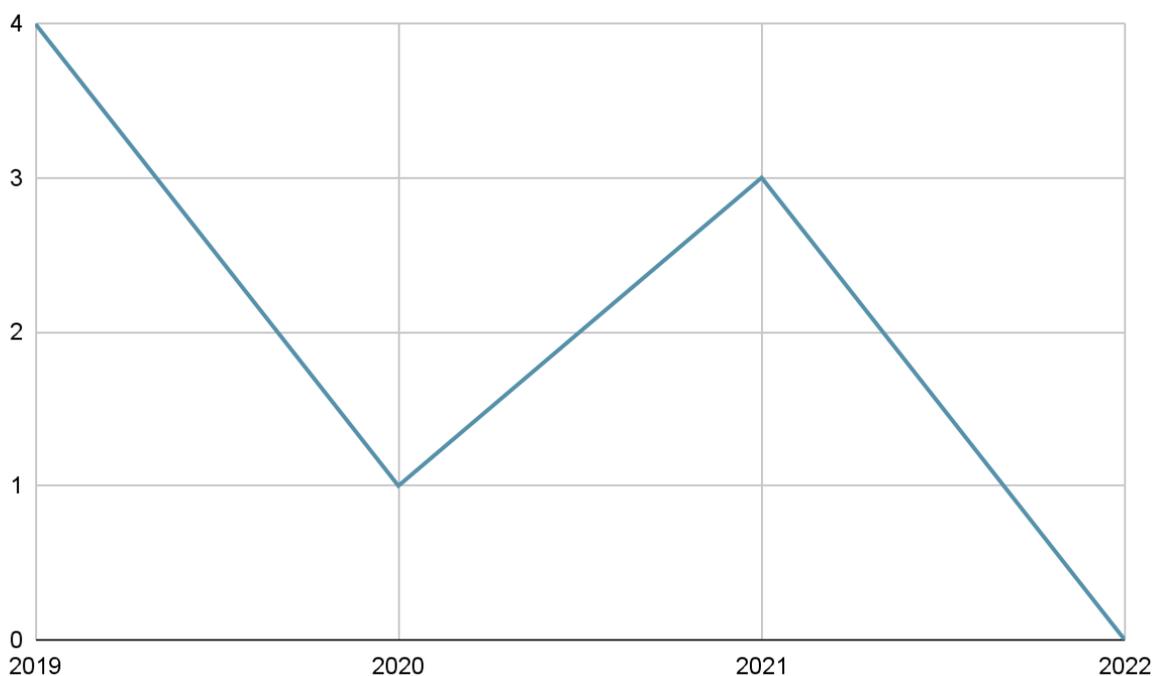
Por fim, os resultados revelam que dentre as nove publicações da categoria, oito possuem o sentimento negativo, revelando a forma em que é o tópico é noticiado em tom crítico e de urgência. O único artigo que sobressai na curva é intitulado “*Former U.S. Climate Leaders Press Biden on Amazon Deforestation*” publicado em 21 de janeiro de 2021 por Lisa Friedman. Essa positividade encontrada pela ferramenta de análise é expressa em relação à ação do então novo presidente estadunidense Joe Biden, que mobiliza mais de 20 bilhões de

dólares e reitera a importância da Amazônia para o mundo, portanto, não retratando positividade em relação ao governo ou gestão de Bolsonaro.

#### 6.4 DESASTRES AMBIENTAIS

Aqui, entende-se como desastres ambientais enquanto acontecimentos que causam disrupturas no meio físico, podendo ou não serem causados por ação humana, como enchentes, furacões, secas extensas dentre outros. Embora a ideia de desastres ambientais não seja original dos tempos contemporâneos, existe a discussão acadêmica quanto ao aumento de sua frequência junto com a mudança de hábitos da humanidade, como os impactos ambientais sentidos pelo desmatamento, uso irregular das terras e água, emissão de gases, e a lista contínua.

A partir então deste recorte, foram encontradas 8 publicações, sendo 2019 o ano com mais publicações, totalizando 4, e 2022 o ano com nenhuma publicação. A tendência de noticiamento pode ser melhor observada no Gráfico 8, a seguir.



**Gráfico 8:** Número de notícias sobre *tragédias ambientais* no *The New York Times* no período de 2019-2022. **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

A temática mais noticiada pelo *Times* nessa categoria foi sobre o rompimento da barragem em Brumadinho, estado de Minas Gerais, que aconteceu no dia 25 de janeiro de

2019. Ao passo em que reportam a tragédia vivida devido negligência humana e falta de monitoramento, ocasionando mais de 270 vidas perdidas, o noticiário relembra os posicionamentos do ex-presidente Bolsonaro ainda em campanha, que não só zombava das regulamentações como também chamou as multas ambientais de “indústria”. É evidenciado que o desastre ambiental fica em uma linha tênue entre desastre e crime por negligência, em um contexto em que o Bolsonaro se coloca enquanto figura pró comércio e anti regulamentação.

Ainda, mesmo que posando enquanto noticiário, a narrativa expressa nos textos é bastante vívida para o leitor, posicionando-o quase que dentro da história do desastre, como se o mesmo estivesse experienciando em primeira mão, causando maior comoção para a causa. Pode-se identificar tal afirmativa no trecho: “As sirenes soaram antes do amanhecer, acionadas por fortes chuvas e níveis de água perigosamente altos (...). Os trabalhadores de resgate, que procuravam sobreviventes do desastre de sexta-feira, passaram a evacuar os moradores para terrenos mais altos.”<sup>5</sup>, na publicação *As 2nd Brazil Dam Threatens to Collapse, Death Toll Rises to 58*.

Entre os outros assuntos reportados, é visto a questão do derramamento de petróleo encontrado misteriosamente na costa brasileira em 2019, enchentes no estado de Minas Gerais em 2020 e a questão da seca vivida no território nacional no ano de 2021. O que todas as publicações possuem em comum é o apontamento da posição de Jair Bolsonaro enquanto líder da nação brasileira que busca debilitar o poder das instituições ambientais nacionais em detrimento do comércio, ocasionando, portanto, falhas graves de vigilância necessárias para com que tais situações críticas não ocorressem.

Também, é adicionada na narração, para além da questão política e institucional do governo Bolsonaro, os outros fatores climáticos que aconteceram durante os anos de governo e podem justificar a intensidade da mudança climática sentida. Tais, como o aumento do desmatamento em todo território nacional e queimadas na Amazônia, além de outras questões internacionais como o *La Niña* e a crise climática.

Enquanto a questão das secas reportadas do ano 2021, é relevante avaliar o discurso bolsonarista de que questões ambientais são apenas de interesse nacional, e não do internacional por questão de soberania. Ao mesmo passo em que esse é o argumento para esquivar-se de pressões internacionais, a própria soberania brasileira se vê ameaçada na

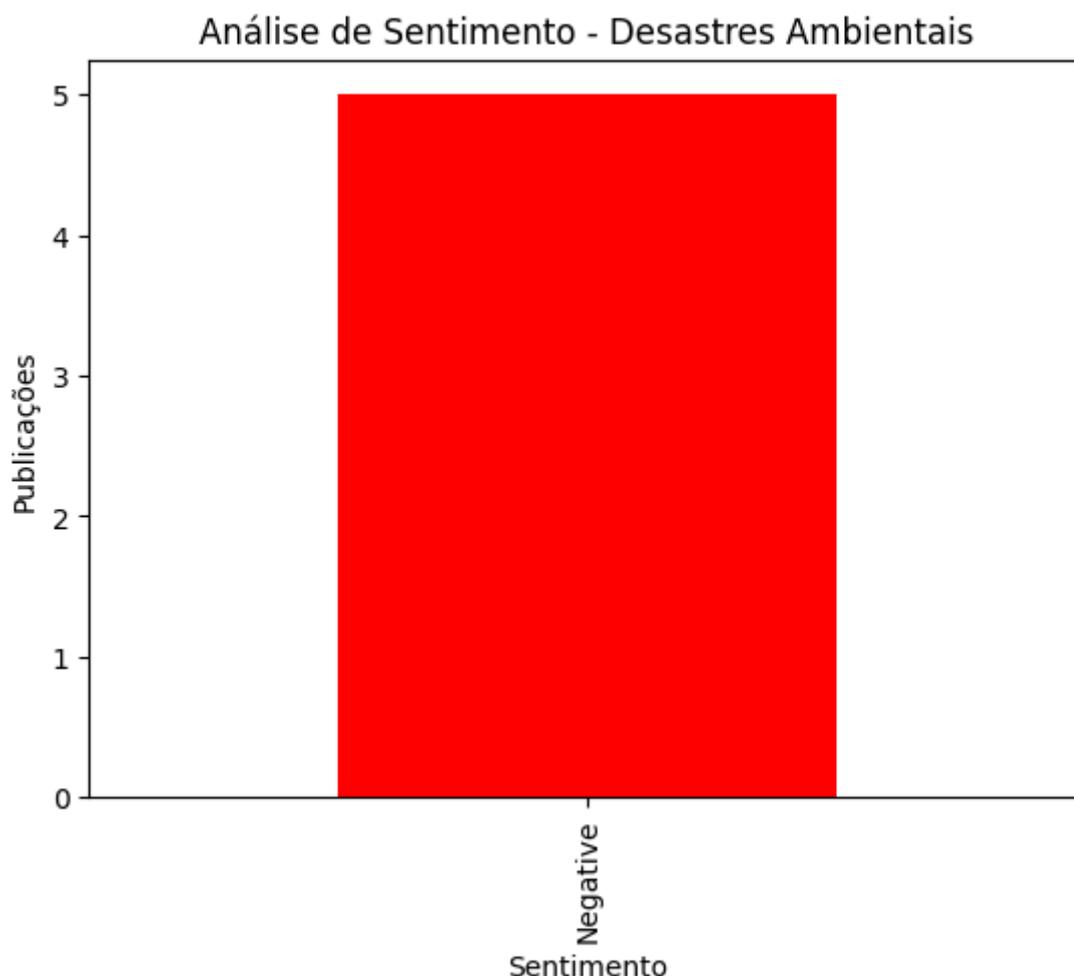
---

<sup>5</sup> Tradução nossa para: “Sirens sounded before dawn, set off by heavy rains and dangerously high water levels (...). Rescue workers looking for survivors from Friday’s disaster turned instead to evacuating residents to high ground”



dentro do contexto de mídia de massas a informação negativa de um grande acontecimento ou desastre é reportada mais frequentemente que o desenrolar de sua questão, como a batalha judicial entre sobreviventes e moradores de Brumadinho contra a Vale e a sentença judicial.

Visto no Gráfico 9, é predominante a colocação crítica e percepção negativa dos acontecimentos, onde além de serem reportados também são acompanhados de informações contextuais quanto à política brasileira e gerência de Jair Bolsonaro em questões ambientais e de fiscalização que podem influenciar e potencializar situações como agravamento de seca e rompimento de barragem de mineradora.

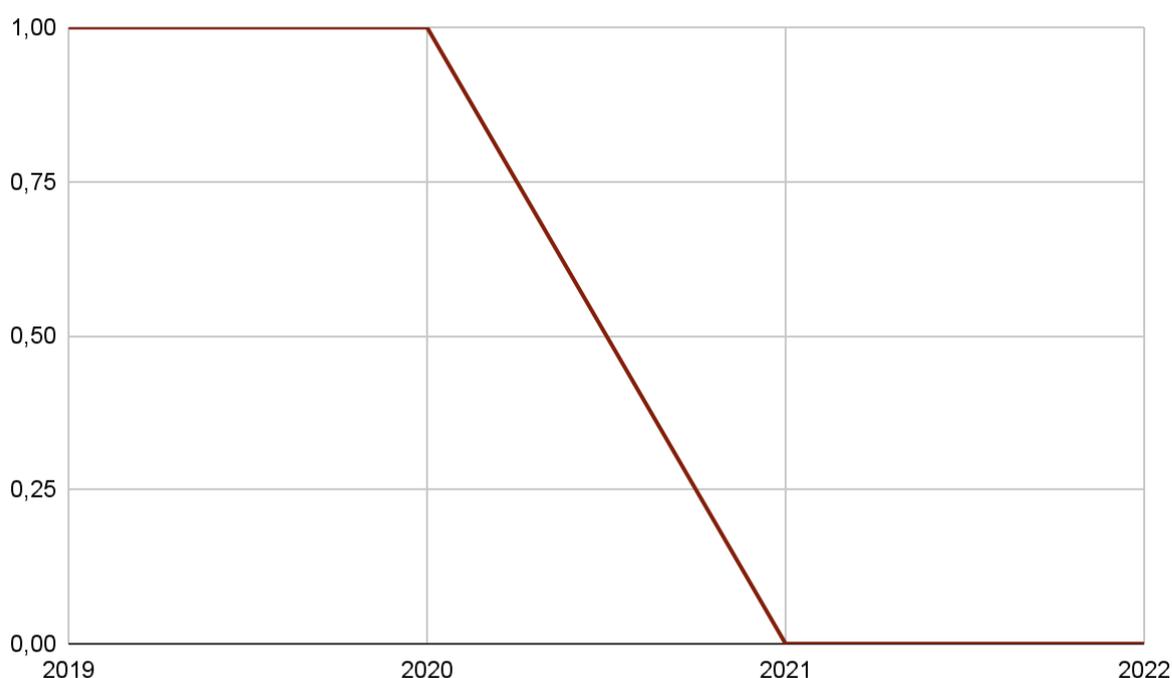


**Gráfico 9:** Análise de sentimento das publicações do tema desastres ambientais **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

Portanto, a totalidade dos cinco diferentes *corpus* são identificados com sentimento negativo pelo algoritmo de interpretação. A temática sobre desastres ambientais indica o tom que revela frustração, tristeza e até desaprovação com as ocasionalidades dos diferentes episódios que são reportados pelo *Times*.

## 6.5. QUESTÕES INDÍGENAS

A temática menos representada no recorte do presente estudo foi sobre questões indígenas, com apenas duas publicações encontradas, uma no ano de 2019 e outra no ano de 2020. Ambas publicações evidenciam tanto o negligenciamento governamental da temática quanto à minimização feita a partir de falas do Jair Bolsonaro, postulado ainda em seu primeiro dia enquanto chefe do executivo afirmando que áreas de proteção e uso exclusivo indígena seriam como zoológicos. A tendência de publicação pode ser analisada no Gráfico 10, a seguir.



**Gráfico 10:** Número de notícias sobre *questões indígenas* no *The New York Times* no período de 2019-2022. **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

A imagem retratada do ex-presidente e de sua política ambiental é a de que ele busca debilitar os direitos indígenas previstos pela constituição, visto principalmente pela mudança de delimitação de áreas protegidas da Fundação Nacional dos Povos Indígenas para o Ministério da Agricultura, onde a preocupação e prioridade da agenda são completamente diferentes, um visando a proteção indígena e outro priorizando o agronegócio. Sendo assim, é desde o primeiro dia que o governo Bolsonaro declara a forma em que a questão será retratada: oprimida e detrimento ao comércio e agricultura.

É visto no *corpus* de ambas publicações menções controversas do ex-presidente que reforçam o seu perfil anti-proteção indígena e sua descrença no valor de tal medida, como no encontrado na sua publicação na plataforma X, antigo *Twitter*, onde fala:

Mais de 15% do território nacional é demarcado como terra indígena e quilombolas. Menos de um milhão de pessoas vivem nestes lugares isolados do Brasil de verdade, exploradas e manipuladas por ONGs. Vamos juntos integrar estes cidadãos e valorizar a todos os brasileiros (BOLSONARO, 2019).

Ainda, é encontrado nas publicações a apresentação do dualismo entre o perfil do Bolsonaro, político de extrema direita e conservador, ex-deputado federal e capitão do exército, que vai contra medidas ambientais e o perfil proposto pelo partido dos trabalhadores, enquanto grande provedor de mudanças sociais principalmente para a camada mais pobre da população e minorias. A prevalência do grupo no poder apoiado por Bolsonaro é representada como lobistas da agricultura, o poder militar e a igreja evangélica.

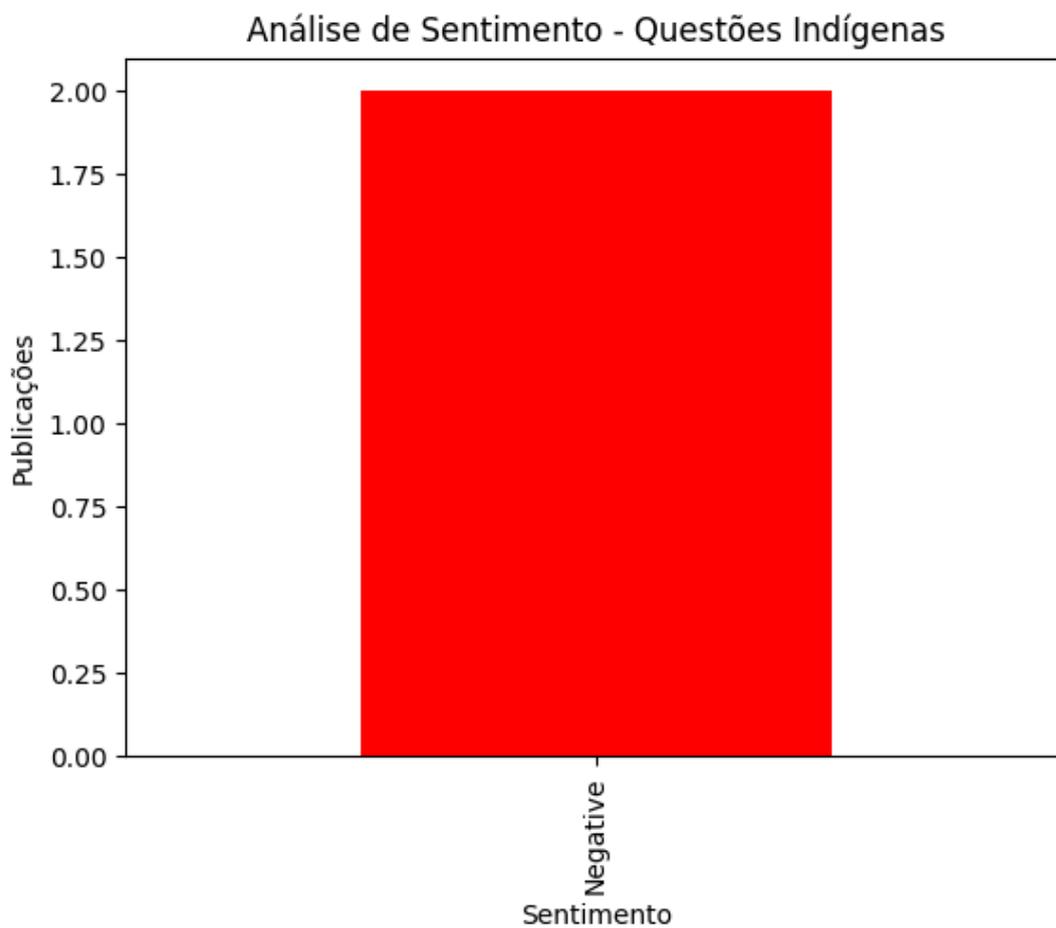
Dentre os noticiários, é comum notar um padrão argumentativo, mesmo que as reportagens sejam notícias, exemplificando com a publicação de 2 de janeiro de 2019 com o título “*Jair Bolsonaro, on Day 1, Undermines Indigenous Brazilians’ Rights*” por Ernesto Londoño. É possível notar como ao passo em que se noticia o desmembramento institucional a partir do governo Bolsonaro, como ferramenta política e comercial para grupos estratégicos, o autor retoma a contradição das ações com o previsto na Constituição Federal de 1988 e as semelhanças governamentais com o período militar brasileiro de 1964 até 1985 na temática.

Por fim, é representado como a autonomia de determinação dos povos é desconsiderada no momento de formulação de novas políticas agressivas do governo de 2019-2022 em nome do desenvolvimento, com o medo comum de etnocídio representado a partir de medidas governamentais de diminuição de repasses federais e aumento descabido de invasores que buscam explorar ilegalmente áreas protegidas e não são punidos em mesma rapidez que invadem as terras, o temor de perder a vida por conta de suas origens tradicionais ecoa um nome só nos territórios e noticiários de *The New York Times* enquanto culpado: Jair Messias Bolsonaro.

Visto na Figura 5, a nuvem de palavras sobre a temática indígena sinaliza a prevalência de povos e territórios indígenas, além do presidente Bolsonaro. Junto com a menção dos povos originários brasileiros, é visto também a ideia de desenvolvimento, grande retórica bolsonarista para ameaçar territórios indígenas e de conservação nacional. Para além



pessimismo e até um certo desespero para os povos nativos brasileiros que não possuem esperança em um governo tão hostil às suas práticas e cultura.



**Gráfico 11:** Análise de sentimento das publicações do tema “questões indígenas” **Fonte:** Elaborado pela autora (2024).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou analisar noticiários do *The New York Times* acerca da questão ambiental brasileira durante o período do governo Bolsonaro, 2019-2022, a partir da Análise de Conteúdo Categorical proposta por Sampaio e Lycarião (2021). A partir dos resultados encontrados foi possível observar padrões temáticos e temporais das publicações, evidenciando a prevalência da temática das queimadas no ano de 2019 e 2020, acerca da Amazônia e do Pantanal, respectivamente. No ano de 2021, tragédias ambientais como a seca extrema e questões políticas de posicionamentos internacionais foram os focos temáticos do jornal. Por fim, no ano de 2022, coincidindo com a votação à nível federal brasileiro, a política é o assunto mais reportado pelo periódico.

Conclui-se que a imagem reportada do então presidente brasileiro Jair Bolsonaro é de um líder de extrema direita populista que se aproxima de personagens controversos da política internacional, como Donald Trump e Vladimir Putin. Além, também, de ser visto como propagador de informações distorcidas e/ou mentirosas com objetivos específicos, seja agradar ao seu próprio grupo ou tentar enquadrar-se em padrões internacionais de comportamento e política. Ainda, mesmo quando busca apresentar verdades e comprometimento, o seu histórico não lhe dá credibilidade e é ouvido com descrença quanto às suas habilidades de cumprir com o proposto.

O enquadramento visto no *corpus* do material estudado propõe que mesmo quando não se há influência direta do então presidente brasileiro na política nacional, seus posicionamentos e ideologias defendidas são o suficiente para encorajar a população, que encontra conforto no chefe do executivo a partir de uma política de sucateamento de instituições ambientais, processos penalizantes e estatísticas quanto ao desmatamento, por exemplo. A prelevância do noticiamento das queimadas na Amazônia, principalmente no ano de 2019 entre todos os outros que também apresentam queimadas, leva à conclusão de uma tentativa de *agenda setting* por parte do jornal, que é alimentado pelo próprio presidente nos momentos em que tenta defender-se de culpabilidade quanto ao aumento de queimadas,.

Ainda em campanha Jair Bolsonaro apresenta-se de forma distante e avessa às políticas ambientais nacionais e internacionais, e já em mandato utiliza-se da ideia de soberania nacional enquanto ferramenta de defesa das pressões internacionais para continuar com seu projeto pró agricultura e comercialização a todo custo. Seja negando ajuda de milionária de países europeus para a contenção das queimadas na Amazônia, culpabilizando a participação do ator de Hollywood Leonardo DiCaprio ou entrando em discussão virtual com

Emmanuel Macron, a percepção do *Times* sobre Bolsonaro é cada vez mais confirmada enquanto líder antiglobalista.

Por fim, é encontrado a contradição bolsonarista entre o discurso internacional e a prática nacional, o retrato geral da política externa ambiental brasileira no período de 2019 a 2022 é de retrocesso. A imagem do Brasil enquanto país, para além do seu líder nacional, é a de quem deixou de ser. Um país que já viu fortes legislações ambientais, de bom exemplo internacional, torna-se um grande vilão da comunidade global que é pressionado por poderes internos que prezam pelo comércio e *desenvolvimento* e não pela manutenção de parte da identidade e bem-estar nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A WORD about Ourselves. **The New York Times**, 1851. Disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1851/09/18/109920974.html?pageNumber=2>. Acesso em 15 de Julho de 2024

ARAÚJO, Ernesto. A nova política externa brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores - 2019 / Ernesto Araújo. Brasília: **Fundação Alexandre Gusmão**, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Matthew A.; POTTER, Philip B. K.. The Relationship Between Mass Media, Public Opinion, And Foreign Policy: Toward a Theoretical Synthesis. **Annual Review of Political Science**. v. 11 p. 39-65. 2008.

BRANCO, Luís Gustavo; SOPRIJO, Gabriel; AZZI, Diego. Política Externa Brasileira para o Meio Ambiente: da formação do conceito de desenvolvimento sustentável à atuação de Jair Bolsonaro. **O Cosmopolítico**. v. 8 n. 1. 2021

BRITANNICAa, The Editors of Encyclopaedia. "Pulitzer Prize". **Encyclopedia Britannica**, 7 Jul. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Pulitzer-Prize>. Acesso em 15 Julho 2024.

BRITANNICA b, The Editors of Encyclopaedia. "The New York Times". **Encyclopedia Britannica**, 13 Jul. 2024, <https://www.britannica.com/topic/The-New-York-Times>. Acesso em 14 Jul 2024.

BOLSONARO, Jair Messias. Mais de 15% do território nacional é demarcado como terra indígena e quilombolas. Menos de um milhão de pessoas vivem nestes lugares isolados do Brasil de verdade, exploradas e manipuladas por ONGs. Vamos juntos integrar estes cidadãos e valorizar a todos os brasileiros. Brasília, 2 jan 2019. **Twitter: @jairbolsonaro**. Disponível em: <<https://x.com/jairbolsonaro/status/1080468589298229253>>. Acesso em: 27 mar 2024.

BORCHARD, Gregory A. **A Narrative History of the American Press**. Routledge, Nova Iorque. 2019

COELHO, André Luiz; SANTOS, Vinicius. Política Externa Brasileira e a Questão Ambiental no Contexto das Conferências da ONU. **5º Encontro Nacional da ABRI - Associação Brasileira de Relações Internacionais**. Belo Horizonte. 2015

CONCEIÇÃO, Lorrany Ribeiro, NOGUEIRA, Silvia Garcia. O uso do populismo digital pelo presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19. Anais Eletrônicos do XVIII **Congresso Internacional Fomercos** (30 anos do Mercosul: Desafios e Trajetórias), 2021.

COOLEY, A.; NEXON, D. Exit from hegemony: the unraveling of the American global order. Oxford: **Oxford University Press**, 2020.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, n. 43, v. 4, dez. 1993. p. 51-58

FERRE, JohnP. Denominational biases in the American press. **Review of Religious Research**. n. 3, v. 21. 1980

FERREIRA, Túlio H. S.; RIBEIRO, Pedro Feliú. O Brasil dos governos FHC e Lula pela lente editorial de 4 grandes jornais dos EUA. in MELO, Filipe Reis; NOGUEIRA, Silvia Garcia; FERREIRA, Túlio S. H. (Org.). **Mídia, opinião pública e política internacional**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022

FRANCHINI, Matias A. e VIOLA, Eduardo. Myths and images in global climate governance, conceptualization and the case of Brazil (1989-2019). **Revista Brasileira de Política Internacional**, 62(2): e005, 2019

GILBOA, Eythan. Diplomacy in the Media Age: three models of uses and effects. **Diplomacy&Statecraft**, 12, 2, 2001.

GONÇALVES, Alcindo Fernandes; COSTA, José Augusto Fontoura. Governança Global e Regimes Internacionais. São Paulo: Almedina, 2011.

KEOHANE, Robert O.; NYE JR, Joseph S. Power and Interdependence in the Information Age. **Foreign Affairs**, 1998.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis/RJ: **Vozes**. 2008.

MCCOMBS, M.E.; SHAW, D.L. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **Public Relations Review**, 3, 176-187. 1972.

MIGUEL, Felipe. Mídia e Eleições: a Campanha de 1998 na Rede Globo. **Dados**, 42, 2, p.253-276, 1999.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Biodiversidade**, Sexto Relatório Nacional para a Convenção sobre a Diversidade Biológica (Relatório Resumido), Brasília. 2020.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES - MRE. **Diplomacia e Agronegócio**: 18 meses de trabalho. 2020.

MOTTA, Bárbara Vasconcelos de Carvalho; MILANI, Livia Peres. As relações entre Brasil e Estados Unidos sob a direita radical: concepções de ordem e articulações em fóruns multilaterais. **Conjuntura Austral**.v. 14 n.66; abr/jun 2023.

NASCIMENTO, Paulo Roberto Laraburu. O Meio Ambiente e os Fundamentos Orientadores da Política Externa Ambiental Brasileira. (Monografia - Especialista em Relações Internacionais). **Universidade de Brasília**. 2011

NEGRÃO, Heloisa. Após Alemanha, Noruega também bloqueia repasses para Amazônia. **El País**, São Paulo, 16 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/15/politica/1565898219\\_277747.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/15/politica/1565898219_277747.html). Acesso em: 12 abr 2024.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. Estratégias governamentais e usos políticos da mídia na construção de percepções da identidade internacional brasileira (2003-2021) in MELO, Filipe Reis; NOGUEIRA, Silvia Garcia; FERREIRA, Túlio S. H. (Org.). **Mídia, opinião pública e política internacional**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022

NOGUEIRA, Silvia Garcia. O meio jornalístico e a reunião de pauta: quando a parte expressa o todo. **Alceu**, 3, 5, p. 62 a 73, - jul./dez. 2002.

NYE, Joseph S. *Soft Power: the Means to Success in World Politics*. New York: **Public Affairs**, 2004.

PAIXÃO, Márcia C. S. ; NOGUEIRA, Jorge Madeira . Celso Furtado: Lições aos Ambientalistas e aos Dependendistas Contemporâneos. In: Celso Pinto Manguiera e Marcia Cristina Silva Paixão. (Org.). **Celso Furtado 100 Anos. Coletânea de Ensaio em Sua Homenagem**. 1 ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2021, v. 1, p. 127-144.

PNUMA, Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Brasil megadiverso: dando um impulso online para a biodiversidade. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/story/brasil-megadiverso-dando-um-impulso-online-para-biodiversidade>. Acesso em: 11 out. 2024.

PUGLISI Riccardo. "Being The New York Times: The Political Behaviour of a Newspaper". **The B.E. Journal of Economic Analysis & Policy**, vol. 11, no. 1, 2011.

ROBINSON, Piers. The role of media and public opinion. in SMITH, Steve; HADFIELD, Amelia; and DUNNE, Tim (Org.). **Foreign Policy: Theories, Actors and Cases**. ed. 3 Oxford: Oxford University Press. Politics Trove. 2016

ROCHA, Felipe Ferreira de Oliveira; Medeiros, Marcelo de Almeida. Meio Ambiente e PEB: Comparando ênfases de presidentes e de chanceleres (1995-2018). **12º Encontro da ABCP**, 2020.

SARAIVA, T. M. Redes da política externa institucional brasileira: Circulações diplomáticas e relacionamentos do Ministério das Relações Exteriores. **Revista Sociológica Política**, 2015.

SHAW, Martin. *Civil Society and Midea in Global Crises*. **St Martin's Press**. 1996

SIEBENEICHLER, Amanda Jandrey. A influência do agronegócio na política externa ambiental brasileira. (Pós Graduação - Estudos Estratégicos Internacionais). **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2021

SOUSA, Mikaela Carla Lovo de. Política Externa Brasileira para o Meio Ambiente no Governo Bolsonaro: do protagonismo internacional ao negacionismo ambiental. Monografia (Bacharelado) - Relações Internacionais. **Universidade Federal do Tocantins**. 2020.

STEINBERGER, Margarethe Born. Discursos Geopolíticos da Mídia. **Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina**. São Paulo: Educ/Cortez, 2005.

TEEL, Leonard Ray. **1900-1945: The History of American Journalism**. Praeger. 2006

VEIGA, Edison. 602 cientistas pedem que Europa condicione importações do Brasil a cumprimentos de compromissos ambientais. **BCC Brasil**, São Paulo, 25 abr. 2019.

Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48055582#:~:text=A%20edi%C3%A7%C3%A3o%20de%20sexta%2Dfeira,ao%20cumprimento%20de%20compromissos%20ambientais>.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política externa brasileira.

Meridiano 47 - **Journal of Global Studies**, v. 20, p. 1-16, 2019.

VIOLA, Eduardo. O Brasil na Arena Internacional da Mitigação da Mudança Climática (1996-2008). **Revista Breves Cindes**. 2009

## APÊNDICE I

<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	<b>AUTOR (A/ES)</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>SEÇÃO NO <i>TIMES</i></b>
1º Jan 2019	Ernesto Londoño e Manuela Andreoni	Brazil Wanted Change. Even Before Taking Office, Jair Bolsonaro Delivered.	Americas
2 Jan 2019	Ernesto Londoño	Jair Bolsonaro, on Day 1, Undermines Indigenous Brazilians' Rights	Americas
22 Jan 2019	Mark Landler	Brazil's Bolsonaro Is the Face of Populism at the Davos Forum	Americas
26 Jan 2019	Manuela Andreoni e Shasta Darlington	With Hundreds Missing Following Burst Brazil Dam, a Frantic Search for Survivors	Americas
27 Jan 2019	Manuela Andreoni e Shasta Darlington	As 2nd Brazil Dam Threatens to Collapse, Death Toll Rises to 58	Americas
10 Jul 2019	Ernesto Londoño	Brazil Judge Holds Mining Company Liable for Damages of Deadly Dam Breach	Americas
28 Jul 2019	Letícia Casado e Ernesto Londoño	Under Brazil's Far-Right Leader, Amazon Protections Slashed and Forests Fall	Americas
2 Ago 2019	Ernesto Londoño	Bolsonaro Fires Head of Agency Tracking Amazon Deforestation in Brazil	Americas
7 Ago 2019	Mariana Simões	Brazil's Bolsonaro on the Environment, in His Own Words	Americas
21 Ago 2019	Manuela Andreoni e	Fires in Amazon Rain Forest Have	Americas

	Christine Hauser	Surged This Year	
22 Ago 2019	Manuela Andreoni, Leticia Casado e Ernesto Londoño	With Amazon Rain Forest Ablaze, Brazil Faces Global Backlash	Americas
23 Ago 2019	Alexandria Symons	Amazon Rainforest Fires: Here's What's Really Happening	Americas
23 Ago 2019	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni, Leticia Casado	As Amazon Fires Become Global Crisis, Brazil's President Reverses Course	Americas
24 Ago 2019	Norimitsu Onishi	As the Amazon Burns, Europe Seizes Title of Climate Champion	Europe
24 Ago 2019	Ernesto Londoño	Brazil Marshals Forces to Fight Amazon Fires (and Restore 'Positive Perception')	Americas
26 Ago 2019	Manuela Anddreoni e Ernesto Londoño	Amid Outrage Over Rainforest Fires, Many in the Amazon Remain Defiant	Americas
27 Ago 2019	Manuela Andreoni	Brazil Angrily Rejects Millions in Amazon Aid Pledged at G7, Then Accepts British Aid	Americas
28 Ago 2019	Kendra Pierre-Louis	The Amazon, Siberia, Indonesia: A World of Fire	Climate
28 Ago 2019	Ernesto Londoño e Leticia Casado	With Amazon on Fire, Environmental Officials in Open Revolt Against Bolsonaro	Americas
30 Ago 2019	Simon Romero	Where Is the Amazon Rainforest Vanishing? Not Just in Brazil	Americas
8 Out 2019	Ernesto Londoño	Mysterious Oil Spill Becomes New Environmental Crisis for Brazil	Americas

2 Nov 2019	Clifford Krauss	In the Amazon, Fires Steal Breath, but Smoke Smells of Money	Americas
18 Nov 2019	Ernesto Londoño e Leticia Casado	Amazon Deforestation in Brazil Rose Sharply on Bolsonaro's Watch	Americas
30 Nov 2019	Reuters	Brazil's Leader Falsely Blames Leonardo DiCaprio for Amazon Fires	Americas
30 Nov 2019	Aimee Ortiz	Leonardo DiCaprio Responds to Brazil's President About Amazon Fires	Americas
5 Dec 2019	Matt Sandy	'The Amazon Is Completely Lawless': The Rainforest After Bolsonaro's First Year	Americas
9 Dec 2019	Reuters	France to Partner with Brazil States on Amazon, Bypassing Bolsonaro	Americas
27 Jan 2020	Manuela Andreoni	Powerful Storm Kills 47 in Brazil	Americas
19 Abri 2020	Ernesto Londoño e Leticia Casado	As Bolsonaro Keeps Amazon Vows, Brazil's Indigenous Fear 'Ethnocide'	Americas
6 Jun 2020	Ernesto Londoño, Manuela Andreoni, Laticia Casado	Amazon Deforestation Soars as Pandemic Hobbles Enforcement	Americas
1° Ago 2020	Ernesto Londoño e Leticia Casado	Under Pressure, Brazil's Bolsonaro Forced to Fight Deforestation	Americas
4 Set 2020	Maria Magdalena Arréllaga, Ernesto Londoño e Leticia Casado	Brazil Fires Burn World's Largest Tropical Wetlands at 'Unprecedented' Scale	Americas
16 Set 2020	Veronica Penney	It's Not Just the West. These Places Are Also on Fire.	Climate

13 Out 2020	Catrin Einhorn <i>et al.</i>	The World's Largest Tropical Wetland Has Become an Inferno	Climate
29 Jan 2021	Lisa Freidman	Former U.S. Climate Leaders Press Biden on Amazon Deforestation	Climate
4 Feb 2021	Manuela Andreoni e Leticia Casado	Vale Mining Company to Pay \$7 Billion in Compensation for Brazil Dam Collapse	Americas
21 Abri 2021	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Bolsonaro's Sudden Pledge to Protect the Amazon Is Met With Skepticism	Americas
26 Mai 2021	Manuela Andreoni	Brazil's Bid to Outsource Amazon Conservation Finds Few Takers	Americas
19 Jun 2021	Manuela Andreoni e Ernesto Londoño	Brazil, Besieged by Covid, Now Faces a Severe Drought	Americas
14 Jul 2021	John Schwartz	Parts of the Amazon Go From Absorbing Carbon Dioxide to Emitting It	Climate
2 Nov 2021	Manuela Andreoni	Once a Climate Leader, Brazil Falls Short in Glasgow	Americas
19 Nov 2021	Manuela Andreoni	Amazon Deforestation Soars to 15-Year High	Americas
3 Dez 2021	Jack Nicas	A Slow-Motion Climate Disaster: The Spread of Barren Land	Americas
7 Mar 2022	Henry Fountain	Amazon Is Less Able to Recover From Droughts and Logging, Study Finds	Climate
16 Mar 2022	William Langewiesche	The War for the Rainforest	Magazine

15 Abr 2022	Manuela Andreoni	Brazil's climate politics are shifting. That matters for the whole planet.	Climate
28 Abr 2022	Henry Fountain	Deforestation Remains High, Despite International Pledges	Climate
15 Jun 2022	Jack Nicas, André Spigariol e Ana Ionova	Man Confesses to Killing Journalist and Activist and Leads Police to Remains, Police Say	Americas
21 Jun 2022	Manuela Andreoni	2 Forests, 2 Futures	Climate
4 Out 2022	Manuela Andreoni	Where Defending Nature Can Be Deadly	Climate
31 Out 2022	Manuela Andreoni	What Lula's Victory in Brazil Means for Climate	Climate
1º Nov 2022	Manuela Andreoni	What's next for the Amazon?	Climate
5 Nov 2022	Somini Sengupta <i>et al.</i>	How Putin and Friends Stalled Climate Progress	Climate
11 Nov 2022	Marlise Simons	An international court filing on Brazil's Amazon is timed for COP27.	Climate
14 Nov 2022	Max Bearak e Manuela Andreoni	Brazil, Indonesia and Congo Sign Rainforest Protection Pact	Climate